

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

RUDINEI LASCH

**A IGREJA COMO CASA DA HOSPITALIDADE CRISTÃ: A EXPERIÊNCIA DO  
ACOLHIMENTO DESDE UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA**

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Orientador

Porto Alegre

2017

RUDINEI LASCH

**A IGREJA COMO CASA DA HOSPITALIDADE CRISTÃ: A EXPERIÊNCIA DO  
ACOLHIMENTO DESDE UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades de Teologia Sistemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin

Porto Alegre

2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Pai de Misericórdia e a Mãe de Jesus, Nossa Senhora Aparecida.

Aos meus familiares, pai e mãe, pelo dom da vida e os primeiros ensinamentos cristãos. Ao meu irmão Eduardo Lasch e sua família.

Ao professor Orientador Dr. Luiz Carlos Susin, que auxiliou no processo de orientação e busca do conhecimento sobre a temática da *Igreja como casa da hospitalidade cristã*.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUCRS.

Aos colegas de Mestrado, pela amizade, convivência e partilha de vida.

À Diocese de Cachoeira do Sul, que me apoiou na proposta de desenvolver esta pesquisa em Teologia. À Paróquia N. Sra. da Assunção de Caçapava do Sul, às famílias, os amigos e as pessoas que incentivaram a caminhada acadêmica nestes dois anos.

À Arquidiocese de Porto Alegre, em especial, ao Pe. Alexandre Chaves, que foi anfitrião na Paróquia São Luiz Gonzaga.

Aos Irmãos Maristas que me hospedaram em sua residência junto à Reitoria da PUCRS, no primeiro semestre de 2017, em especial ao Irmão Dr. Édison Hüttner pela amizade fraterna.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela valiosa contribuição financeira para a realização desta pesquisa.

Foi um percurso de estudos, de conhecimentos, de buscas e de superações.

OBRIGADO, SENHOR PELO DOM DA VIDA E DO ENTENDIMENTO...!

"Se há algo que o cristão deve ter claro é a abertura incondicional às demais tradições religiosas. No respeito a todos os seres humanos que, da maneira que for, buscam um mundo mais humano, relações profundamente humanas, o desabrochar da humanidade de cada pessoa, o respeito a seus direitos humanos, a seus anseios de humanidade. Isso se pode buscar a partir de tradições e culturas distintas" (CASTILLO, José M.).

## RESUMO

Neste trabalho estudaremos a Igreja como *casa da hospitalidade cristã*. Percebemos a relevante necessidade no contexto atual do exercício da hospitalidade e do acolhimento como uma virtude. No ambiente eclesial encontramos diversidades de dons e carismas que possibilitam o encontro com o diferente. Sentar à mesa com os comensais é um espaço de construção e reconstrução das relações humanas e divina. A Igreja, como *casa da hospitalidade cristã*, acolhe os peregrinos e tem a missão de anunciar o Reino de Deus à todos. É justamente nessa questão que se situa a problemática dessa pesquisa dissertativa: como podemos tornar a Igreja uma *casa da hospitalidade cristã*? Qual o sentido da experiência do acolhimento na Igreja desde uma abordagem teológica cristã? Na vivência da hospitalidade acontece a comensalidade, o acolhimento e o diálogo. A reflexão é desenvolvida em três níveis: 1) A Igreja como casa da hospitalidade cristã: fundamentos bíblicos; 2) a experiência do acolhimento na Igreja desde uma abordagem teológica cristã; 3) e as perspectivas para a ação pastoral na vida da Igreja.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Tradição Bíblica. Igreja. Comensalidade. Acolhimento.

## **ABSTRACT**

In this work we will study the Church as the home of Christian hospitality. We realized is relevant need in the current context of the hospitality and reception as a virtue exercise. In the ecclesial ambient we found diversity of gifts and charismas that allow the meeting with the different. To sit to the table with the commensals is a space of construction and reconstruction of the human and divine relation. The Church, as the house of christian hospitality, welcomes the pilgrims and has the mission to annouce the Kingdom of God to everyone. Fairly in this subject that is the problem of this dissertative research: how as we turn a Church into a house of hospitality? What is the meaning of the reception experience in the Church since a Christian theological approach? In the hospitality experience happens the commensality, the reception and the dialogue. The reflection is developed at three levels: 1) The Church as house of Christian hospitality: Biblical fundamentals; 2) the reception experience in the Church since a Christian theological approach; 3) and the prospects for a Pastoral action in the Church's life.

**KEY WORDS: Hospitality. Tradition Biblical. Church. Commensality. Reception.**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. A IGREJA COMO CASA DA HOSPITALIDADE CRISTÃ: FUNDAMENTOS BÍBLICOS.....</b>	<b>11</b>
2.1 HOSPITALIDADE NA TENDA DE ABRAÃO NO ANTIGO TESTAMENTO (Gn 18, 1-15).....	14
2.2 HOSPITALIDADE NA CASA DA IGREJA A PARTIR DO NOVO TESTAMENTO.....	19
2.2.1 O Mestre de Nazaré: hospitalidade na vida de Jesus Cristo.....	20
2.2.2 A hospitalidade na casa de Zaqueu (19, 1-10).....	21
2.2.3 A hospitalidade do caminho, da Palavra e da refeição: Jesus e os Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35).....	24
2.2.4 A hospitalidade diante do poço de Jacó: o encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4, 1-42).....	27
2.2.5 A hospitalidade na Primeira Carta de Pedro (1Pd 4,9).....	33
<b>3 A EXPERIÊNCIA DO ACOLHIMENTO NA IGREJA DESDE UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA .....</b>	<b>37</b>
3.1 O ACOLHIMENTO COMO EXIGÊNCIA ANTROPOLÓGICA.....	38
3.2 A IDENTIDADE DA IGREJA COMO LOCAL DE ACOLHIMENTO.....	41
3.2.1 As notas da Igreja.....	41
3.2.2 Hospitalidade Eucarística: sentido antropológico da comensalidade.....	48

3.3 A EXPERIÊNCIA DO ACOLHIMENTO: ABORDAGEM DESDE O MAGISTÉRIO DA IGREJA.....	55
3.3.1 A visão do Concílio Vaticano II: acolhimento na casa da Igreja.....	56
3.3.2 O acolhimento e a transmissão da Palavra de Deus na Igreja.....	59
3.3.3 A alegria do Evangelho na <i>casa da hospitalidade cristã</i> .....	61
<b>4 PERSPECTIVAS PARA A AÇÃO PASTORAL NA VIDA DA IGREJA</b> .....	<b>64</b>
4.1 A HOSPITALIDADE NO EXERCÍCIO DA MATERNIDADE MARIANA DA IGREJA.....	64
4.1.1 Maria, a figura da Igreja como seio de hospitalidade .....	64
4.1.2 Hospitalidade na casa de Maria: Deus visita a sua Filha (Lc 1, 26-38).....	68
4.1.3 A hospitalidade na casa de Isabel: o encontro maternal (Lc 1, 39-45).....	72
4.2 A IGREJA E O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS.....	74
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>79</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>81</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Nesse trabalho será analisado o tema da Igreja como *casa da hospitalidade cristã*. A reflexão surgiu a partir dos estudos acadêmicos e pesquisas na Área da "Teologia e do Pensamento Contemporâneo", sob a orientação do professor Dr. Luiz Carlos Susin, com a colaboração dos graduandos e mestrandos em Teologia. Na ação e no rito da hospitalidade estão englobados relevantes fatores os quais pretende-se aprofundar, visto que, para alguns ela é apenas uma relação de proximidade na vida do anfitrião e do hóspede, outros, porém, relacionam-na como um intercâmbio cultural. Aprofundaremos o estudo sobre o significado da hospitalidade e com um enfoque à Igreja como *casa da hospitalidade cristã* e uma experiência do acolhimento desde uma abordagem teológica.

Na hospitalidade acontece a aproximação nas relações de convivência, pois pressupõe a prática do acolhimento e do cuidado numa perspectiva antropológica. A hospitalidade exige *kénosis*, esvaziamento de si mesmo, para abrir e alargar o espaço da sua morada e da sua tradição religiosa no encontro com o diferente através das relações humanas. Ela é um dom de Deus que alarga o coração e aproxima os estranhos, fazendo-os partilhar do seu tempo e da sua história. Transforma os indiferentes em pessoas que vivem a unidade, mesmo no ambiente da hostilidade e da diversidade. A hospitalidade é uma disposição da alma, sem discriminar ninguém, todos têm o direito de serem acolhidos, independente da condição social e moral<sup>1</sup>.

No segundo capítulo analisaremos fundamentos nos textos da Sagrada Escritura, a saber: no Livro do Gênesis (18, 1-15); na Primeira Carta de São Pedro (4, 9); no Evangelho de Lucas (19, 1-10; 24, 13-35); e no Evangelho de João (4, 1-42). São experiências de hospitalidade no encontro com o outro que geram transformação e conversão. Poderíamos analisar outros textos bíblicos, por exemplo as Cartas de João, em que escreve a Gáio: "Caríssimo, procedes fielmente agindo assim com teus irmãos, ainda que estrangeiros. Eles deram testemunho da tua caridade diante da Igreja. Farás bem provendo-o o necessário para a viagem, de modo digno de Deus" (3Jo 5-6)<sup>2</sup>. João pede que os estrangeiros sejam acolhidos. João repreende a conduta de Diótfefes que não recebe os estrangeiros e quer estar nos primeiros lugares (cf. 3Jo, 9ss). "Quanto a Demétrio, todos dão testemunho dele, inclusive a própria Verdade" (v. 12).

---

<sup>1</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Virtudes para outro mundo possível*, p. 198.

<sup>2</sup> Cf. Bíblia de Jerusalém.

No Antigo Testamento, no Livro do Gênesis, Abraão acolhe e é hospitaleiro em sua tenda. Os três viajantes aproximam-se da tenda de Abraão e são recebidos com alegria. Abraão oferece alimento para saciar a fome dos visitantes. Para o anfitrião, Deus concede uma dádiva maior, a descendência. Aquele que hospeda alegra-se com a visita, pois, é um presente de Deus. Abraão está sentado à entrada da sua tenda, aproveitando a sombra que o protege do calor escaldante do deserto. Avista os homens que o visitam e corre até eles para que aproveitem a sua hospitalidade. A visita é uma honra para Abraão, pois Deus não esqueceu do seu humilde servo, uma vez que, concede-lhe o dom da descendência.

A hospitalidade na casa de Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10) mostra o encontro com o encarregado da cobrança de impostos, que estava a serviço do Império Romano, com o Mestre, Jesus de Nazaré. O encontro gera arrependimento e Zaqueu devolve o que não lhe pertence e o que adquiriu de forma ilícita. Devolver significa retratar-se com aqueles que foram injustiçados pela manobra da corrupção. O encontro com Jesus gerou em Zaqueu mudança de vida, transformação e arrependimento.

Na passagem dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35) acontece a hospitalidade do caminho, da Palavra e da refeição. Na triste caminhada que os discípulos percorriam em direção à Emaús, ocorre o encontro com o Senhor. O Viajante aproximou-se e percorreu o caminho com os dois discípulos que estavam carregados de tristeza e desânimo. Jesus ao explicar a Palavra foi despertando esperança. Ao longo do caminho diante das amargas desilusões, o Mestre se faz nosso companheiro para melhor compreensão dos desígnios de Deus. A viagem se tornou mais leve e plena de significado. Jesus explica as Sagradas Escrituras e, é no partir o pão, que os olhos dos discípulos se abrem e reconhecem o Ressuscitado. Quatro momentos são relevantes: 1) Jesus caminha com os discípulos; 2) explica as Sagradas Escrituras; 3) parte o pão; e 4) os discípulos são tomados de coragem para voltar à Jerusalém e anunciar que estiveram com o Senhor no caminho para Emaús.

Na hospitalidade da mulher samaritana para com Jesus no poço de Jacó (cf. Jo 4, 1-42) acontece a aproximação de Jesus, o acolhimento e o diálogo. Jesus caminhava pelas aldeias e regiões para anunciar o Reino de Deus. Era uma prática cotidiana em sua vida. Ele rompe a barreira do preconceito e das normas em que não poderia um homem aproximar-se de uma mulher quando ela estivesse sozinha. Jesus pede água para uma mulher samaritana na intenção de saciar a sede física. Para Jesus não existem barreiras ou preconceitos, apenas a

relação interpessoal que se concretiza na aproximação e no diálogo. No decorrer da conversa, Jesus propõe outra água: sua Palavra e seu ensinamento.

Na Primeira Carta de Pedro, o autor pede que sejamos hospitaleiros uns com os outros sem murmurar (cf. 1Pd 4, 9). Vamos ver no decorrer do texto o significado da hospitalidade e qual a sua importância no contexto religioso, social e comunitário da época da Primeira Carta de Pedro. Serão estudados cinco fatores para melhor compreensão do significado do texto bíblico: 1) a localização geográfica; 2) a constituição étnica; 3) o *status* social; 4) a origem religiosa e 5) o contexto histórico em que os destinatários estão inseridos.

No terceiro capítulo abordaremos a experiência do acolhimento na Igreja desde uma abordagem teológica. O mundo moderno vive uma crise profunda de hospitalidade. Há uma grande tendência ao isolamento e ao fechamento em si e nas convicções pessoais. A intolerância religiosa cresceu muito nestes últimos tempos. Nações estão se fechando e impedindo a entrada de estrangeiros, vítimas de guerras que assombram suas vidas e famílias. O Papa Francisco está realizando muitas ações na tentativa de aproximação e conscientização, propondo uma Igreja em saída, que vai ao encontro dos mais necessitados através da hospitalidade do encontro. O acolhimento é uma exigência antropológica, isto é, o ser humano é um ser hospitaleiro, aberto e dinâmico. Na Igreja vivenciamos a hospitalidade eucarística no sentido antropológico da refeição e da comensalidade. Dentro desta perspectiva, para entender a Igreja como *casa da hospitalidade cristã*, serão estudadas e aprofundadas as notas da Igreja, uma vez que, a hospitalidade ajuda a Igreja na sua autocompreensão, a saber: a *unicidade*, a *santidade*, a *catolicidade* e a *apostolicidade*.

A hospitalidade acolhe o outro como um dom de Deus e um espaço de acolhimento. Este argumento está fundamentado nos Documentos do Magistério e da Igreja, a saber: a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II; a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* do Papa Bento XVI; e a Exortação apostólica do Sumo Pontífice o Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*.

No quarto capítulo trabalharemos as perspectivas para a ação pastoral na vida da Igreja, seguindo a proposta mariana sobre a hospitalidade. A Igreja tem por missão alimentar a fé dos cristãos através da Palavra e da Eucaristia. Ela é vista como um instrumento e espaço de acolhimento no seguimento de Jesus de Nazaré.

## 2 A IGREJA COMO CASA DA HOSPITALIDADE CRISTÃ: FUNDAMENTOS BÍBLICOS

A hospitalidade cristã é um dom para quem hospeda e para quem é hospedado. Há uma troca de informações através do diálogo, da partilha, da comensalidade e da convivência. Ela deve ser bem elaborada, proporcionando que o hóspede sinta-se acolhido e confortável no ambiente proporcionado pelo anfitrião. Por isso, tem que dedicar tempo e disposição, uma vez que, o anfitrião está colocando em prática um dom que vem de Deus, o dom da hospitalidade.

O tema da hospitalidade está na raiz da vida nômade da era patriarcal, por isso, a hospitalidade aflora em toda a Sagrada Escritura. Os encontros de Abraão com os três visitantes no vale dos carvalhos de Mambré (Gn 18), o qual será aprofundado neste pesquisa; de Labão com o servo de Abraão (Gn 24, 28-32); de Jetro com Moisés (Ex 2, 20); e de Manué com o Anjo (Jz 13, 15), são sinais de que a hospitalidade está presente na vida do povo de Deus através da vivência e da construção da história familiar.

A hospitalidade significa conduzir para dentro o hóspede. Tornou-se uma instituição real e relevante à vida do povo, pois hospedar o peregrino para o povo judeu e o helenismo, significava hospedar o próprio Deus. Para os cristãos é considerado um compromisso e uma responsabilidade para com os mais vulneráveis e peregrinos.

Cristo, identificado com aqueles que necessitavam de teto, abrigo, alimento e acolhida, fortaleceu este compromisso (cf. Mt 25, 31-46). Vamos ver na Sagrada Escritura algumas situações em que Cristo hospedou e foi hospedado. Diante da necessidade dos peregrinos que viajavam dias, com fome, com sede e cansados da caminhada, alguém que oferecesse hospedagem aliviava o fardo e o peso da longa jornada.

No deserto a hospitalidade é uma necessidade de sobrevivência; e já que essa necessidade é igualmente de todos, todos têm direito a ela da parte de todos. Estando anfitrião e hóspede em inimidade, a aceitação da hospitalidade envolve uma reconciliação. O hóspede, uma vez aceito é sagrado, e deve ser protegido de qualquer perigo, mesmo às custas da vida de membros da família de quem hospeda. A generosidade na hospitalidade é uma virtude primária entre os membros Bedawi. O hóspede fica em casa de um a três dias, dependendo do costume local; não se paga nada e não se espera presente de retribuição.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> MCKENZIE, John. Hospitalidade. *Dicionário bíblico*, p. 429.

Hospedar alguém exige tempo e atenção ao hóspede, pois é uma necessidade. O anfitrião inicia, através da acolhida, do cuidado e da escuta, uma profunda relação de troca de dons com o hóspede. Esta relação vai se aprofundando no decorrer do encontro, tornando-se uma virtude pessoal e comunitária. O hóspede recebe proteção por todo o tempo que permanece na casa do anfitrião. Aquele que participa da Igreja é bem acolhido e se fortalece na fé e na experiência com Deus. A Igreja é vista como um ambiente e lugar do acolhimento, do cuidado, da escuta e do diálogo, é um espaço onde os cristãos buscam fortalecer a sua relação com Deus.

Na Sagrada Escritura a hospitalidade é evidenciada como uma atitude e um costume do povo, pois devido às distâncias e a falta de transporte, os peregrinos necessitavam de acolhida e hospedagem. No Antigo Testamento o viajante israelita permanecia na praça pública da cidade e aguardava ser convidado pelos seus compatriotas (cf. Jz 19, 15-21). Os anfitriões ofereciam água para lavar os pés, comida, bebida, forragem para os animais e proteção. Em muitos outros textos encontramos passagens onde Jesus foi hospedado, como por exemplo, na casa dos seus amigos Marta, Maria e Lázaro em Betânia (cf. Lc 10, 38). Jesus instruiu os seus discípulos não levarem muitas coisas pelo caminho e permaneceu na casa do anfitrião até que ele mereça (cf. Mt 10, 9-11). Nessa pesquisa iremos aprofundar os seguintes textos: o Livro do Gênesis 18, 1-15, em que Abraão hospeda os estrangeiros em sua tenda; a Primeira Carta de Pedro 4, 9, na qual pede que sejam hospitaleiros; no Evangelho de Lucas onde acontece o encontro da hospitalidade entre Jesus e Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10); no encontro com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35) acontece a hospitalidade do caminho e da refeição; e no Evangelho de João, diante do poço de Jacó, no encontro de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4, 1-42).

A vida do estrangeiro na bíblia está relacionada à ação de Deus na história da humanidade. Deus é hóspede junto com o seu povo. Quem hospeda o estrangeiro, tendo como horizonte a memória cultural antiga, está hospedando o próprio Deus. Entende-se que o estrangeiro é aquele que não é da família, do clã ou da região. No entanto, o anfitrião, está exercendo uma atitude e um comportamento de acolhimento e escuta para com o estrangeiro que necessita do cuidado para aliviar o cansaço da caminhada. Vejamos o sentido e os frutos da hospitalidade na tenda de Abraão para com os três visitantes.

## 2.1 HOSPITALIDADE NA TENDA DE ABRAÃO NO ANTIGO TESTAMENTO (Gn 18, 1-15)

Para melhor compreender o dom da hospitalidade, é relevante entender a preferência que Deus faz ao eleito. Ele é chamado "a viver sua vida na escuta da Lei de Deus. (...) Abraão: sob a ordem de Deus deixa seu pai para viver sua própria aventura, aceita ligar-se ao Senhor e se mostra pronto a renunciar o próprio filho".<sup>4</sup> Abraão é um homem, sem privilégios e com idade avançada. Sua vida está marcada por uma experiência de fé e na confiança da presença de Deus, na promessa da descendência, da terra e da bênção. A saída da terra para buscar lugares melhores revela a dinâmica do caminho. Deus provoca Abraão a caminhar, todavia, uma certeza está no coração do peregrino, pois Deus está caminhando comigo.

A "eleição" no Antigo Testamento é considerada um ato de Deus para com alguém. Significa "escolher" - *bahar*, "tomar" ou "conhecer". É relevante destacar que "as tradições do Pentateuco reduzem a eleição de Israel à vocação de Abraão e à promessa de que Iahweh faria de sua descendência um grande povo (Gn 12, 3)".<sup>5</sup> Israel é escolhido por Iahweh para submeter-se aos seus mandamentos divinos. É uma escolha, mas também um ato de soberania divina, que não pode ser contrariado ou negociado.

No Novo Testamento "o termo grego *eklegesthai* ("escolher") é usado (...) somente quando se trata da escolha dos apóstolos por parte de Jesus, como ato divino".<sup>6</sup> Há uma supremacia de Deus sobre os escolhidos diante da sua situação de fragilidade e incapacidade. O elemento da misericórdia de Deus é visível e todos podem ser chamados ou escolhidos, pois Deus usa de misericórdia. "Tanto no Novo como no Antigo Testamento, a eleição implica em responsabilidades para o eleito: a consciência de missão que aparece no Servo de Iahweh fica plenamente explícita no Novo Testamento".<sup>7</sup> Por essa razão, compreende-se que Abraão<sup>8</sup> foi escolhido e eleito por Deus. Abraão é um homem de fé. "Crer, ter fé, em

<sup>4</sup> WÉNIN, André. *O homem bíblico*, p. 116.

<sup>5</sup> MCKENZIE, John. *Eleição*. In: *Dicionário bíblico*, p. 271.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 272.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 272.

<sup>8</sup> "A vida de Abraão se presta a um estudo feito de vários ângulos. Geograficamente, pode-se acompanhar seus movimentos, a começar pela cidade de Harã, altamente civilizada. Deixando a sua parentela, mas acompanhado por Ló, seu sobrinho, ele viajou por cerca de 650 km para a terra de Canaã, onde fez alto em Siquém, a cerca de 50 km ao norte de Jerusalém. Em adição a uma excursão pelo Egito, o que foi necessário devido à fome, Abraão fez paradas em lugares bem conhecidos como Betel, Hebrom, Gerar e Berseba, Sodoma

hebraico, é 'firmar-se em Javé'".<sup>9</sup> Deus expôs o seu projeto para Abraão e fez uma aliança com ele. A terra prometida por Deus para Abraão é Cannã (cf. Gn 12, 9-10). Todavia, Abraão não consegue apossar-se da terra, pois vive na condição de estrangeiro. "Uma narrativa sobre Abraão o apresenta como o modelo de hospitalidade generosa (Gn 18, 1ss). O bom anfitrião faz festa para seu hóspede, festa como nunca é preparada para a família".<sup>10</sup> A festa significa acolhida e congratulação resultante do momento do encontro entre o anfitrião e o hóspede.

Para melhor identificar o comportamento, a atitude e a relação entre o anfitrião e o hóspede acolhido e servido na casa de Abraão, o texto bíblico de Gênesis 18, 1-15, em que o anfitrião<sup>11</sup> hospeda os estrangeiros destacam-se três elementos fundamentais: a hospitalidade, a fé e a promessa da descendência.

Abraão acolhe Deus com dois companheiros (Gn 18, 1ss) e novamente lhe é prometido um filho. O realismo da narração não deve fazer com que esqueçamos que a hospitalidade é uma virtude muito apreciada no deserto: a tradição da hospitalidade de Abraão devia demonstrar que essa virtude era muito agradável a Deus; assim, quem a cultivava serve ao próprio Deus na pessoa do viandante ao qual concede hospitalidade.<sup>12</sup>

Para conhecer melhor Abraão e sua história, vamos buscar, em autores relevantes para o pensamento histórico-bíblico elementos sobre a sua vida, sua trajetória e a eleição diante de Iahweh.

---

e Gomorra, as cidades da planície, para onde Ló migrou, ficavam diretamente a leste das terras do Sul ou Neguebe, onde Abraão se instalou" (SCHULTZ, Samuel. *A história de Israel no Antigo Testamento*, p. 31-32).

<sup>9</sup> RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*, p. 178.

<sup>10</sup> MCKENZIE, John. Hospitalidade. *Dicionário bíblico*, p. 429.

<sup>11</sup> "Abraão e os três homens (18, 1-15). O verso 1 é um prefácio e declara que é Iahweh quem aparece a Abraão, mediado pelos três homens dos vv. 2 e 16, o que fala nos vv. 10.13.15.17-33, e os dois mensageiros, ou anjos no cap. 19. A fluidez deste ato na cena é a forma narrativa de mostrar tanto a proximidade quanto a elusividade de Deus. Outro ponto expressivo de majestade é o contraste inicial entre um Abraão vagaroso e três homens determinados na jornada, e também o contraste entre o preparo frenético de Abraão e aqueles homens determinados que comandavam mesmo em silêncio; eles falam apenas uma vez, mas de forma bastante autoritativa (v. 5b). (...). Servidos por Abraão com um grande jantar, agora dominam a cena com suas perguntas, todas sobre Sara. Um deles confirma que retornará no próximo ano (...) e Sara terá um filho (v. 10). Sara, ouvindo tudo sorri e não acredita, da mesma forma como Abraão já tinha sorrido em 17, 17. O próprio Iahweh reitera a promessa e repreende Sara (vv. 13-15)" (BROWN; Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*, p. 87).

<sup>12</sup> MCKENZIE, John. Abraão. *Dicionário Bíblico*, p. 07.

Abraão está solidamente instalado, quase arraigado, no sul da Palestina, de fato em Hebron ('al-Khalîl) e Mambê (Râmat ' al-Khalîli). Quando Jacó tem o encontro com Deus, é ele quem chega (quase por descuido) ao local "habitado" pela divindade, quer em Betel, quer em Penuel. Mas quando Abraão tem uma teofania é a divindade que vem visitá-lo. (...). O ponto de partida da tradição de Abraão - e também de sua função - é provavelmente o "lugar", o "rochedo" (Is 51, 1), a "caverna" ou o "túmulo" de Abraão em Hebron e/ou em Mambê.<sup>13</sup>

Na bíblia a hospitalidade é definida como um dom. Por isso, podemos afirmar que a hospitalidade é uma dimensão sagrada e teológica da experiência do cuidado e da escuta. Abraão<sup>14</sup> viveu intensamente a experiência de hospedar e cuidar alguém em sua casa. "Iahweh lhe apareceu no Carvalho de Mambê, quando ele estava sentado na entrada da tenda, no maior calor do dia. Tendo levantado os olhos, eis que viu três homens de pé, perto dele; que os viu, correu da entrada da tenda ao seu encontro e se prostrou por terra" (Gn 18, 1-2). Insistiu com os visitantes para permanecer com ele em sua tenda.

Abraão sentado à sombra da sua tenda em Mambê, com Sara por trás da cortina de entrada, é surpreendido pela presença de três viajantes. Vai-lhes ao encontro e convida-os a descansar e comer alguma coisa. (...). Trata-os com normas de hospitalidade (cf. Hb 13, 2): põe-se de pé e vai ao seu encontro, convida-os a comer e a beber algo. Apenas saído de sua presença, com toda pressa, manda Sara fazer pão e aos pastores que matem uma rês e assem-na. Enquanto eles comem, permanece de pé como um criado. Os viajantes prometem, neste caso a Sara, que vai ter um filho. Ela, que escuta escondida, ri-se. De novo o riso confirma o nome do filho que vai nascer: Isaac. (...). Ao pai se confirma o anúncio. Quem fala possui todo o poder (cf. Lc 1, 37). O motivo "filho esperado" liga esta passagem à anterior. Mesmo não tendo relação explícita de prêmio entre a hospitalidade do casal ancião e o dom do filho, percebe-se no fundo este motivo tão comum na literatura heróica. Essa manifestação divina por meio dos três visitantes serve de abertura ao castigo trágico de Sodoma.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> PURY, Albert de; in: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe, *Antigo Testamento história, escritura e teologia*, p. 187.

<sup>14</sup> "A história dos patriarcas é, pois, para Israel, o prelúdio de sua história primitiva. O chamamento e a eleição de Deus alcança os patriarcas. Eles são beneficiados pela comunhão com Deus e guiados pela palavra de Iahweh, o Deus dos pais, eles estão a caminho do alvo prometido. Acossados e ameaçados, a sua vida depende inteiramente dele. Sujeitos às fraquezas humanas, são eles a demonstração de que a salvação vem só das mãos de Deus, que cumpre a sua palavra. Deste modo os patriarcas, que, extremamente e sob o ponto de vista puramente histórico, não se distinguem dos outros seminômades daquele tempo, são os portadores e a encarnação de uma mensagem de salvação. Sob a sua aparência modesta está presente a atuação de Deus preparando o nascimento de seu povo e a salvação de toda a humanidade. Para o povo de Iahweh, a sua história é um grande exemplo de chamamento divino e de resposta do homem" (SCHREINER, Josef. *Abraão, Isaac e Jacó*, p. 103).

<sup>15</sup> OPORTO, Santiago Guijarro; GARCIA, Miguel Salvador. *Comentário ao Antigo Testamento*, p. 78.



A acolhida que Abraão faz aos três visitantes, ao meio dia, representa um gesto de hospitalidade e prontidão, onde os mesmos poderiam sentar-se à sombra e partilhar a razão do encontro. Não é a tenda o centro do evento da acolhida, mas a sombra da árvore. Portanto, é o próprio Abraão quem hospeda, pois acolheu em si o espírito da hospitalidade. Segundo Monge, este acontecimento se divide em duas partes fundamentais:

vv. 1-5 Abramo si accorge dell'arrivo dei visitatori, li saluta solennemente e li invita ad accettare la sua ospitalità (più precisamente a riposare un po' dal viaggio e a condividere un semplice pasto); segue la risposta positiva all'invito; vv. 6-8: è lá fase della preparazione materiale del pasto con un'esaltazione del tema dell'ospitalità nei dettagli descrittivi. Due nuovi personaggi entrano in scena: Sara, moglie di Abramo, e un servitore. Segue il pasto sotto la quercia e si chiude questa prima parte del racconto di Mamre.<sup>16</sup>

Os estrangeiros tinham necessidade de serem hospedados e receberem a proteção e o cuidado do anfitrião. Eles encontraram Abraão na vida da campanha.<sup>17</sup> Para quem hospeda, no horário do meio dia, no calor do sol, é um sacrifício. Abraão pede para sua mulher, Sara, que surge na cena como anfitriã, providenciar água para lavar os pés dos visitantes. "Mandarei trazer um pouco de água para lavar vossos pés e descansareis debaixo da árvore" (Gn 18, 4). O ato de lavar os pés é um gesto de acolhida, de alívio das dores físicas provocadas pela caminhada e sinal de purificação. No Novo Testamento encontramos na passagem do lava-pés o mesmo gesto repetido por Jesus (cf. Jo 13, 1-17). A comensalidade no evento é preparada: "Farei servir um pouco de pão para refazerdes as forças, antes de continuar a viagem" (Gn 18, 5). Abraão serve o que tem de melhor para os visitantes. Uma das características da hospitalidade é oferecer os melhores alimentos e os melhores aposentos. Nesse meio tempo do preparo do alimento, Abraão fica dialogando com os visitantes e sendo uma companhia para eles. O banquete está preparado e Abraão se coloca em pé próximo aos comensais, significando prontidão para servir naquilo que for necessário.

Analisando melhor o texto onde acontece o evento da hospitalidade é preciso entender a questão da unidade literária na Sagrada Escritura.

<sup>16</sup> MONGE, Claudio. *Stranieri con Dio. L'ospitalità nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici*, p. 209.

<sup>17</sup> "Il primo grande quadro narrativo del capitolo 18 del libro della Genesi, l'abbiamo appena visto, descrive una scena domestica utilizzando i motivi tipici della cultura pastorale (la campagna, la vita all'aria aperta, le tende dei nomadi e il gregge, il calore e la tranquillità del contesto, la generosità e la cortesia dell'ospitalità, la magnanimità dell'ospite, la celebrazione del pasto, il senso della sazietà...). Non c'è una particolare tensione narrativa ma semplicemente il racconto della scena" (Ibidem, p. 216).

A "unidade literária" de *Gn 18-19* está avaliada pela continuidade dos protagonistas (sobretudo dos visitantes, que são os mesmos nos Capítulos 18 e 19, mas, também, Abraão e Lot, presentes nos dois capítulos) e pelo espaço temporal e local (de dia em Mambré e de noite em Sodoma, localidade situada à vista: 18, 16). Personagens e acontecimentos se encontram travados numa mesma sequência narrativa que se desenvolve num tempo e lugar bem determinados. É o dia mais amplamente relatado de toda a História de Abraão, o que acentua a sua importância; nele se anuncia o nascimento de Isaac.<sup>18</sup>

Percebemos na "unidade literária" dos dois textos a ligação entre os mesmos e a importância da ação de Deus na vida de Abraão e Lot, com distintos fins, uma vez que, são instrumentos para salvar o povo. Podemos destacar cinco partes na narrativa, a saber:

1ª) Chegada de alguns visitantes à Mambré, hospitalidade de Abraão e anúncio do nascimento de Isaac (18, 1-15). 2ª) Partida dos visitantes e intercessão (de tipo profético) de Abraão por Sodoma (18, 16-33). 3ª) Chegada dos visitantes a Sodoma, hospitalidade de Lot, pecado dos sodomistas e intercessão de Lot (19, 1-23). 4ª) Destruição de Sodoma e Gomorra (19, 24-29). 5ª) Moab e Amon, filhos de Lot (19, 30-38). Vários autores sustentam que a 2ª parte (18, 16-33) tenha sido acrescentada tardiamente, enquanto que outros a consideram essencial à trama narrativa.<sup>19</sup>

A promessa de Deus para Abraão é de descendência. "Voltarei a ti no próximo ano, e tua mulher Sara te dará um filho" (*Gn 18, 10*)<sup>20</sup>. Desta vez quem ri de ceticismo é Sara: "Agora que estou velha e velho também está o meu senhor, teria ainda prazer?" (*v. 12*).<sup>21</sup> Sara acolhe a promessa com um certo pessimismo e ironia, pois a sua idade e a idade do seu senhor

<sup>18</sup> LÓPES, Félix Garcia. *O Pentateuco*, p. 89-90.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>20</sup> "Dov'è Sara tua moglie?": La domanda, posta dai personaggi misteriosi, è sorprendente, per parecchi motivi. Prima di tutto perché, normalmente, è il padrone di casa l'ospite che accoglie, che pone la prima domanda personale e che introduce il dialogo eventuale con gli ospiti di passaggio. In secondo luogo, se Abramo palesemente non conosce i propri ospiti, questi ultimi, al contrario, conoscono l'esistenza e anche il nome della sua sposa, nonostante quest'ultima fosse rimasta nascosta ai loro occhi fino a quel momento! Abramo e Sara fanno per la prima volta l'esperienza della natura non comune dei pellegrini, che sembrano avere accesso a informazioni che si credevano riservate solo al narratore e ai lettori. È probabilmente anche a causa della loro natura eccezionale che questi visitatore a Mamre osano porre una domanda sulla moglie del padrone di casa: la cosa era considerata poco conveniente in un contesto beduino nomade. Abramo risponde apparentemente senza esitazioni ma in modo molto sintetico ed evitando di pronunciare il nome di Sara" (MONGE, Claudio. *Stranieri con Dio. L'ospitalità nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici*, p. 218).

<sup>21</sup> SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 95.

são avançadas.<sup>22</sup> A hospitalidade na casa de Abraão gera vida através da promessa de descendência feita por Deus, como um sinal da ação divina na vida da humanidade. A hospitalidade gera uma troca de dons. Abraão hospeda os estrangeiros e eles retribuem com a promessa da descendência através da fecundidade de Sara. A promessa feita a Abraão de descendência garante um futuro e é importante ressaltar que a promessa não depende de Sara e nem de Abraão, mas Deus irá agir em suas vidas.

A narrativa de Abraão abre espaço para a compreensão da hospitalidade na Sagrada Escritura. Ela é um evento e uma memória. Não podemos imaginar que todos os habitantes sejam hospitaleiros, todavia, a hospitalidade pode ser cultivada como uma nova cultura e uma nova forma de educação para vivenciá-la como um dom. No Novo Testamento encontramos muitas situações em que hospitalidade é vivenciada. Veremos a importância da Igreja ser uma *casa da hospitalidade cristã*, a partir do Novo Testamento, onde o centro é Jesus de Nazaré e sua missão de anunciar o Reino de Deus.

## 2.2 HOSPITALIDADE NA CASA DA IGREJA A PARTIR DO NOVO TESTAMENTO

Em Hebreus encontramos a citação: "Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos" (Hb 13, 2). A hospitalidade é uma prática constante na vida do povo de Deus. "A hospitalidade normalmente envolvia alojamento e cuidados aos viajantes; o maior exemplo desta virtude, citado nos textos judaicos, era o de Abraão que dava boas-vindas ao três visitantes (Gn 18)".<sup>23</sup> Os Evangelhos e Cartas de Paulo também apresentam textos sobre o tema da hospitalidade, numa perspectiva abrangente de avanço.

Os evangelhos mostram como Jesus se abre ao acolhimento do estrangeiro, como a mulher cananéia (Mc 7, 24-30) e o centurião romano (Mt 8, 5-13). Essa dinâmica está de acordo com a abertura provada pelas primeiras comunidades para com os

<sup>22</sup> "In Gn 18, 14 c'è un misto di difficoltà e di meraviglia che rappresenta la frontiera tra i limiti dell'umano e lo straordinario del potere divino. Ciò che è impossibile agli uomini è possibile per Dio e, dunque, meraviglioso. Ma non bisogna neppure dimenticare che la promessa di Dio contiene un potere che va al di là delle debolezze e dei limiti umani. "C'è forse qualche cosa impossibile per il Signore?". Questa domanda retorica è un'implicita affermazione dell'onnipotenza divina" (MONGE, Claudio. *Stranieri con Dio. L'ospitalità nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici*, p. 222).

<sup>23</sup> KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos. Novo Testamento*, p. 704.

não-judeus. Os Atos dos Apóstolos desenvolvem o tema dessa abertura apoiados na autoridade de Pedro, que reivindica como originária do próprio Deus (At 15, 5-35). Essa mensagem - profética por mais de uma razão - se exprime de diversas maneiras. Paulo anuncia que em Cristo "não há mais nem judeu nem grego; nem escravo nem livre" (Gl 3, 28), ao passo que Mateus faz do acolhimento do estrangeiro um dos critérios da vida evangélica: "Eu era um estrangeiro e vós me acolhestes" (Mt 25, 35). Nisso, o Novo Testamento prolonga e consagra uma tradição de acolhimento bem presente na Bíblia judaica.<sup>24</sup>

No Novo Testamento há muitos relatos sobre o tema da hospitalidade. Na vida de Jesus de Nazaré encontramos traços de acolhimento, entre outros, no Evangelho de Lucas e de João.

### 2.2.1 O Mestre de Nazaré: hospitalidade na vida de Jesus Cristo

A hospitalidade é uma virtude da pessoa. Jesus assumiu a condição humana em que vivenciou, não só a hospitalidade, mas também, a hostilidade. Enfrentou recusa em diversas situações de sua vida, por exemplo, no cenário da infância. José e Maria não encontraram lugar na hospedaria (cf. Lc 2, 7) e diante do perigo eminente de Herodes, que ameaçava a vida do menino, aconteceu a fuga para o Egito (cf. Mt 2, 13-18).

O local na estrebaria foi o aconchego para a família de Nazaré. Maria acolhe o processo da vida divina na humanidade através da visita do anjo e a visita dos pastores (cf. Lc 2, 15-20). Os Magos do Oriente (cf. Mt 2, 1-45) foram anfitriões e hóspedes; e, por fim, a acolhida de Simeão e Ana no Templo na apresentação do menino, seguindo o costume da época (cf. Lc 2, 28-38).

Não somente a hospitalidade, mas também a falta dela acompanhou a vida pública de Jesus: "O Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Lc 9, 58). Jesus criticou o sistema econômico e religioso da época, e isso colocou uma série de questões adversas. Ele não estava apegado à bens materiais ou status social. Se fez pobre com os pobres; humilde com os humildes; servo com os servos. Sofreu a hostilidade da rejeição, mas manteve-se fiel no anúncio do Reino de Deus. A Boa Nova do Reino de Deus foi acolhida por alguns com

---

<sup>24</sup> WÉNIN, André. *O Homem Bíblico*, p. 113-114.

alegria, outros, no entanto, não deram muita importância. Jesus pregou o Reino de Deus em diversos lugares, inclusive, na casa de pecadores públicos onde realizou refeições. Os inúmeros milagres são sinais visíveis da hospitalidade em Jesus de Nazaré, pois acolheu e curou os enfermos, libertando-os da escravidão do pecado e da doença.

### 2.2.2 A hospitalidade na casa de Zaqueu (Lc 19, 1-10)

Segundo o Evangelho de São Lucas, Jesus exerceu o seu ministério através do testemunho e da pregação da inauguração do Reino de Deus no encontro com os vulneráveis e estrangeiros do seu tempo. Lucas<sup>25</sup> valoriza o pobre, o estrangeiro e a mulher. O texto do Evangelho de Lucas<sup>26</sup> 19, 1-10, onde Jesus encontra Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos romanos, enfatiza o elemento do arrependimento, isto é, a hospitalidade que gerou o ato de devolver o que não lhe pertencia.

Jericó era uma cidade de fronteira, por isso, havia uma alfândega movimentada, onde eram coletados os impostos, girando grandes quantias financeiras. "No Evangelho de São Lucas, Jesus é apresentado como o salvador dos miseráveis, dos desprezados, dos pobres, doentes e pecadores. (...). 18, 9-14: A parábola do fariseu e do publicano; 19, 1-10: O banquete em casa do publicano Zaqueu".<sup>27</sup> A relação de Jesus com os pecadores e publicanos

---

<sup>25</sup> "O Evangelho de Lucas é o mais longo dos quatro evangelhos. É também o mais cuidado do ponto de vista linguístico e literário: seu vocabulário é mais rico que o de Marcos e o de Mateus, seu estilo é esmerado, sua composição bem cuidada. Seu autor é mais grego do Novo Testamento. Seu prefácio, com a dedicação a Teófilo (Lc 1, 1-4), proclama já sua vontade de inserir seu escrito na literatura helênica de qualidade. Enquanto Marcos refere seu texto ao "Evangelho de Jesus Cristo" (Mc 1, 1), Lucas anuncia a Teófilo sua intenção de escrever uma "narração" de tudo o que se passou; esse termo enuncia o projeto literário de apresentar uma narração conforme às regras da historiografia antiga. De fato, Lucas se revela um excelente contador; seu talento narrativo não exclui, veremos uma intenção teológica" (MARGUERAT, Daniel; *O Evangelho segundo Lucas*. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). *Novo Testamento história, escritura e teologia*, p. 110).

<sup>26</sup> "A tradição cristã inicial, confirmada por testemunhas do século II e o antigo título do Livro favorecem Lucas, companheiro de jornada de Paulo, como autor de Lucas e Atos. (...) Lucas escreve para os leitores no mundo grego ou para a classe alta romana falante do grego. Seus leitores são abastados, literalmente sofisticados e, possivelmente, buscam confirmação em sua fé ou argumentos com os quais possam defendê-la. (...). Vários temas se destacam em Lucas: o ministério de Jesus junto aos marginalizados, aos religiosamente desajustados, aos pobres e mulheres. Esta ênfase prepara o tratamento da missão em terras do gentio, no segundo volume, o Livro dos Atos. O itinerário liga a Galiléia a Jerusalém em Lucas e de Jerusalém até os confins da Terra em Atos" (KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos. Novo Testamento*, p. 193-194).

<sup>27</sup> SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento*, p. 69.

foi de encontro e atenção especial e solidária. Os relatos informam que Jesus teria se dedicado primeiramente aos pecadores, ao passo que seu chamado ao arrependimento e conversão se dirigia aos justos.

Sobre o tema da riqueza, que "além da gentileza de Jesus com um publicano reputado pecador, a história ilustra a atitude lucana em relação à riqueza: Zaqueu é um homem rico, mas a salvação pode entrar em sua casa porque ele dá metade de seus bens aos pobres".<sup>28</sup> Zaqueu, por ser de estatura baixa, e com o desejo em seu coração de ver Jesus, subiu numa árvore, possivelmente um *sicômoro*, que possibilitou a subida e uma visão privilegiada.

Não importa quão alto o status: as pessoas não se convidavam normalmente para a casa dos outros. Os judeus devotos eram contrários a entrar na casa de um coletor de imposto ou comer da sua comida; porque alguém descrente o bastante para recolher os impostos não cuidaria de pagar o dízimo pela sua comida, os fariseus não confiariam no que eles oferecessem. (...). Sua promessa de restituição reconhece que seu crime de "colarinho branco" é tão sério quanto outros tipos de roubo (Ex 22. 1-4).<sup>29</sup>

A riqueza de Zaqueu procede do seu ofício, todavia, não lhe pesa na consciência tal postura. O encontro com Jesus muda esta visão. Os judeus não aceitavam o fato de que um irmão trabalhasse para os interesses romanos. Interesses que seriam para alimentar um Império ambicioso, para tanto, precisava de grande fortuna em dinheiro para manter os exércitos, as estradas e as construções de anfiteatros. Para encher seus cofres, os romanos cobravam pesados impostos. Ser o chefe da coletoria significava estar de acordo com os interesses romanos. Inevitavelmente, Zaqueu sentia a pressão daquela situação. Portanto, não era bem visto pelo povo que se sacrificava com o poder autoritário romano. O encontro com o Jesus muda esta postura. Há o arrependimento e a devolução para retratar-se com aqueles de quem cobrou impostos pesados e injustos.

Um chefe de coletores, como intermediário superior, tinha mais ocasiões para enriquecer-se "defraudando": não o fisco, mas os pobres cidadãos. Zaqueu desejava ver Jesus, e sua curiosidade não parece simplesmente superficial. De alguma maneira, também ele se pergunta quem é. Jesus se adianta, sai ao seu encontro, pede pousada a um pecador. Talvez a vinheta de um homem muito rico e muito baixinho,

---

<sup>28</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo*, p. 359.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 250.

que sobe numa árvore, seja irônica. A cena ganha com isso interesse, já que Jesus tem que falar-lhe olhando para cima. Jesus o chama pelo nome, como se o conhecesse, como se houvesse descido expressamente para visitá-lo.<sup>30</sup>

Jesus o chama pelo nome de *Zaqueu*. Assim começa o encontro transformador entre Jesus e Zaqueu. Ninguém chamava-o pelo nome, pois era conhecido apenas como o chefe de cobrador de impostos ou o publicano, isto é, pecador público. Jesus não o chama por este rótulo imposto pela sociedade. Ele o chamou pelo nome, honrando-o diante dos presentes. Zaqueu acolhe a proposta de Jesus e o conduz até a sua casa. Para o anfitrião é uma honra receber Jesus em sua casa. O fato provoca reações contrastantes entre os presentes, uma vez que, Zaqueu era conhecido como pecador público, sendo chefe da coletoria de impostos. A relação de Jesus com os pecadores e publicanos era de proximidade.

Segundo um relato da tradição Q, Mt 11, 19 par Lc, Jesus é depreciativamente caracterizado de "amigo dos publicanos e pecadores". A atitude aqui atacada é ilustrada pela história de Zaqueu (Lc 19, 1-10s). Quando o profeta de Nazaré vai em peregrinação a Jerusalém e passa por Jericó, hospeda-se na casa do maioral dos publicanos, Zaqueu, provocando com isso não só escândalo entre os fariseus, mas entre todas as pessoas (Lc 19, 7). A tradição de Marcos e de Q e especialmente a matéria exclusiva (S) de Lucas relatam a respeito de um tal contacto (Mc 2, 14.15-17 par; Mt 11, 19 par; Lc 7, 36-50; 15, 1s; 19, 1-10; cf. 18, 9-14).<sup>31</sup>

Zaqueu não era bem visto pela população. O povo se escandalizou com a proposta de Jesus. O encontro com Jesus mudou a vida de Zaqueu, pois mexeu em sua fortuna. Ele fez uma devolução generosa daquilo que tinha adquirido. Este é o caminho da conversão proposto por Jesus de Nazaré. A hospitalidade do encontro e da transformação que gerou mudança de vida e arrependimento. No texto dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-25) acontece a hospitalidade do caminho, onde o próprio Senhor caminha com os seus discípulos.

---

<sup>30</sup> Bíblia do Peregrino.

<sup>31</sup> GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, p. 152.

### 2.2.3 A hospitalidade do caminho, da Palavra e da refeição: Jesus e os Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)

A passagem em que os dois discípulos caminhavam em direção à Emaús, em Lucas 24, 13-35, está intimamente relacionada à vida de Jesus: *hospitalidade do caminho, da Palavra e da refeição*. O próprio Jesus se definiu como *O Caminho*. A distância até Emaús<sup>32</sup> era de sessenta estádios, isto é, cerca de 11km distante de Jerusalém, todavia, não era facilmente localizada. Não se conhece muito sobre a vida de Cleófas e de seu companheiro, que na linguagem bíblica, é anônimo.

A hospitalidade demandava não menos do que a hospedagem que estes discípulos oferecem a Jesus, especialmente porque o pôr-do-sol se aproximava; viajar à noite, particularmente como as pessoas faziam muitos partindo de Jerusalém, era perigoso devido aos ladrões. Os judeus por todo o mundo antigo recebiam os companheiros judeus que estivessem viajando, para passar a noite, e a insistência era parte da hospitalidade (p. ex., Jz 19. 5-9; 1Sm 28.23). Também era parte da hospitalidade oferecer pão ao hóspede, não importando quão tarde da noite fosse. Após uma longa caminhada, estes discípulos estariam com fome de qualquer forma. Mas por agradecer e dar-lhes pão, Jesus fez o papel normalmente feito pelo chefe da casa, que ele exercera entre seus discípulos.<sup>33</sup>

Devido às condições do tempo e da geografia do local, viajar à noite era perigoso. Os discípulos estavam desanimados e abatidos com tudo o que havia acontecido em Jerusalém, pois Jesus de Nazaré não era o messias esperado. A prática de oferecer hospedagem aos peregrinos tornou-se uma resposta às necessidades dos viajantes. Jesus fingiu que seguia adiante, todavia, o desejo dos discípulos era mais forte: "Eles, porém, insistiram, dizendo: 'Permaneça conosco, pois cai a tarde e o dia já declina'. Entrou então para ficar com eles" (Lc 24, 29).

---

<sup>32</sup> "Emaús - cidade da Sefelá, palco da vitória de Judas sobre Górgias em 166 a.C. (1Mc 3, 40-57; 4,3), fortificada por Lísias em 160 a.C. (1Mc 9, 50). Foi em Emaús que Jesus apareceu aos dois discípulos depois da ressurreição (Lc 24, 13ss). O local não pode ser identificado com certeza. O nome antigo sobrevive na atual Amwas, a cerca de 30Km a ONO de Jerusalém. O texto original de Lc apresenta sessenta estádios de Jerusalém, cerca de onze quilômetros; a distância de 30 Km torna impossível a ida e a volta em um dia de que fala Lc. Por essa razão, são preferidos outros locais, particularmente a aldeia de el Qubeiheh, a cerca de 17 km de Jerusalém, na estrada atual, na mesma direção" (McKENZIE, John. Emaús. *Dicionário Bíblico*, p. 277).

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 266-267.



É tipicamente lucano que a primeira narrativa de aparição acontecesse durante uma viagem: assim como durante a longa viagem para Jerusalém, em Lc 24, 27 Jesus transmite revelações importantes aos discípulos: ele apela para o todo da Escritura a fim de explicar o que fez como Messias. No livro dos Atos, os pregadores apostólicos farão o mesmo, e Lucas deseja enraizar o uso que eles fazem da Escritura numa revelação dada por Jesus. Contudo, ainda que o coração dos discípulos se aqueça enquanto Jesus lhes desvela o sentido das Escrituras, eles reconhecem-no somente quando ele parte o pão. Isso prepara para o partir do pão (eucarístico) nas comunidades cristãs descritas em Atos e (juntamente com as outras refeições pós-ressurrecioais) podem estar na raiz da crença cristã da presença do Senhor ressuscitado no banquete eucarístico.<sup>34</sup>

Conforme o comentário sobre o texto, a rota até Emaús era do cotidiano dos judeus. Alguém se aproximar para caminhar juntos era normal entre os caminhantes e peregrinos. A viagem se tornava mais leve e acontecia o encontro e a partilha das experiências de vida. Quatro momentos se destacam na passagem dos discípulos de Emaús:

*Primeiro momento (Lc 24, 13-24):* Na caminhada em direção à Emaús, Jesus se depara com dois discípulos que caminham desanimados e com medo, numa situação de descrença e desespero. "Jesus alcança-os e 'vai junto com eles' (*symporeuomai*, como em 7, 11 e 14, 35), mas incógnito, 'estando seus olhos impedidos de reconhecê-lo' (v. 16). Não há suspense para o leitor, ao qual a identidade do terceiro viajante é revelada".<sup>35</sup> Jesus se aproxima, faz o trajeto ao lado dos discípulos, escuta e dialoga com eles.

*Segundo momento (Lc 24, 25-27):* Jesus percebe a realidade que está envolvendo os dois caminhantes.

Jesus começa questionando os dois homens sobre o objeto da sua discussão, o que os faz deter-se 'com o rosto sombrio'. Um deles, Cleófas, surpreso com a ignorância desse companheiro, que, como eles, parece vir de Jerusalém, lhe faz o resumo dos fatos recentes da cidade: "*o que concerne a Jesus de Nazaré*". Para o leitor é a recapitulação de tudo o que ele leu até aqui, a *narração prática de Jesus*, "profeta poderoso em obra e em palavra diante de Deus e diante de todo o povo" (v. 19).<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 370.

<sup>35</sup> L'EPLATTENIER, C. *Leitura do Evangelho de Lucas*, p. 253.

<sup>36</sup> Idem, p. 253.

Os discípulos estavam desanimados e sem otimismo. Jesus parte de Moisés e, de forma muito clara e pedagógica, passa pelos profetas, conduzindo-os à memória da fé: Deus sempre realiza as suas promessas e não quebra a Aliança. Jesus procura acordá-los para a realidade através da explicação das Sagradas Escrituras.

Jesus foi ter com eles no dia depois do sábado, escutou as expressões da sua esperança desiludida e, acompanhando-os ao longo do caminho, "explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito" (Lc 24, 27). Juntamente com este viajante que inesperadamente se manifesta tão familiar às suas vidas, os dois discípulos começam a ver as Escrituras de um novo modo. O que acontecera naqueles dias já não aparece como um fracasso, mas cumprimento e novo início. Todavia, mesmo estas palavras não parecem suficientes para os dois discípulos. O *Evangelho de Lucas* diz que "abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-No" (24, 31) somente quando Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lho deu; antes, "os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem".<sup>37</sup>

Assim, aquilo que desanimava a caminhada, tornou-se a força e a motivação para manter a esperança. "Em Lc 24, 27 Jesus transmite revelações importantes aos discípulos: ele apela para o todo da Escritura a fim de explicar o que fez como Messias. No livro dos Atos, os pregadores apostólicos farão o mesmo, e Lucas deseja enraizar o uso que eles fazem da Escritura numa revelação dada por Jesus".<sup>38</sup> A explicação da Sagrada Escritura preparou o caminho para a ação.

*Terceiro momento (Lc 24, 28-32):* Jesus faz de conta que iria mais adiante, todavia, os Discípulos pedem para que o Mestre fique com eles. "Contudo, ainda que o coração dos discípulos se aqueça enquanto Jesus lhes desvela o sentido das Escrituras, eles reconhecem-no somente quando ele parte o pão".<sup>39</sup> A hospitalidade em Emaús está fundamentada na vivência da comensalidade no caminho com Jesus.

O gesto comunitário da hospitalidade, da oração comunitária, da partilha do pão ao redor da mesa. O pão repartido é o mais importante sinal da comensalidade. A comunidade cristã deve seguir a pedagogia da partilha do pão. "O seu oferecimento de hospitalidade,

---

<sup>37</sup> *Verbum Domini*, 54.

<sup>38</sup> BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 370.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 370.

quando ele deu sinais de querer continuar a viagem, testemunha, pelo menos, um desejo de aproveitar mais sua calorosa companhia".<sup>40</sup>

*Quarto momento (Lc 24, 33-35):* Os discípulos de Emaús se levantam, desacomodam-se e voltam para Jerusalém. O encontro com Jesus foi transformador: encheram-se de coragem e superaram o medo. O encontro com Jesus foi transformador e alegrou o coração dos discípulos. Trocaram o desespero pela esperança; a morte pela notícia esperançosa da ressurreição.

#### 2.2.4 A hospitalidade diante do poço de Jacó: o encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4, 1-42)

Outro texto importante no Novo Testamento é o encontro de Jesus com a samaritana. O Mestre estava cansado da viagem e parou diante do poço de Jacó para saciar a sede. Conversou com uma samaritana que o acolheu no seu povoado. Vamos ver como se deu esta relação de diálogo e aceitação entre uma samaritana e um judeu.

No encontro de Jesus com a samaritana (cf. Jo 4, 1-42) acontece a acolhida através do diálogo e a aproximação de um judeu com uma mulher da Samaria. O Evangelho de João tem uma função pragmática de reestruturar a fé dos crentes.<sup>41</sup> Jesus tinha que passar pelo poço de Jacó, rota que ligava a Judéia com a Galiléia, pois havia uma missão para o Mestre. Como os judeus consideravam a Samaria e os samaritanos, em especial, as mulheres? Mateos e Barreto nos ajudam a compreender esta visão através do aprofundamento dos estudos bíblicos.

Samaria era a região considerada pelos judeus como heterodoxa, raça de sangue mestiço e de religião sincretista. Existia entre os dois povos profunda inimizade; os judeus desprezavam os samaritanos, e chamar alguém por este nome era dos piores insultos (Jo 8, 48). Os judeus tinham destruído o templo samaritano do monte de Garizin (128 a.C.), o que exacerbava o ressentimento. Nos tempos do procurados

<sup>40</sup> L'EPLATTENIER, C. *Leitura do Evangelho de Lucas*, p. 255.

<sup>41</sup> "Do ponto de vista da pragmática da comunicação, o evangelho segundo João tem a intenção de reestruturar a fé dos crentes. Pretende fazê-los passar de uma fé enfraquecida e abalada para uma fé consolidada e claramente formulada. Essa reestruturação da fé resulta do fato de que o evangelho, em cada uma de suas partes, utiliza uma hermenêutica disposta em escalas. Quer dizer: os crentes são tomados em sua fé elementar e enfraquecida para ser encaminhados em direção a uma concepção mais perfeita" (ZUMSTEIN, Jean; In: MARGUERAT, Daniel (Org.). *Novo Testamento. História, escritura e teologia*, p. 461).

Copônio (6-9 d.C.), alguns samaritanos haviam profanado o templo de Jerusalém, durante as festas da Páscoa, espalhando ossos humanos nos átrios. Por isso se lhes proibiu o acesso ao templo.<sup>42</sup>

A região da Samaria foi povoada, por razão da política assíria, ao qual deportou seleta população, por colonos e camponeses assírios (cf. 2Rs 17), que com o passar do tempo, uniram-se com o povo hebreu, formando assim, uma raça mista, que naturalmente mesclou também as crenças religiosas e culturais (cf. Esd 4, 2-3).

Jesus chegou a uma aldeia da Samaria, que se chamava Sicar, caminhando com seus Discípulos, "perto desta aldeia estava o terreno cedido por Jacó a seu filho José (Gn 33, 19; 48, 22). A cidade existe nos tempos de Jacó chamava-se Siquém (Gn 33, 18-20; Js 24, 32; Os 6,9) e perto dela surgira a cidade mais moderna de Sicar".<sup>43</sup> Percebemos uma prática constante na vida de Jesus em caminhar pelas aldeias e localidades da região para anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Em alguns lugares Ele foi bem recebido, outros, no entanto, encontrou hostilidade e portas fechadas, inclusive em cidades.

O cansaço<sup>44</sup> tomou conta de Jesus e dos seus discípulos. "Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte por volta da hora sexta. Uma mulher da Samaria chegou para tirar água e Jesus lhe disse: 'Dá-me de beber!'" (Jo 4, 6-7). A mulher estava sozinha, pois sua postura de vida indica que provavelmente as mulheres de Sicar não gostassem dela, por suas atividades sexuais. Os judeus faziam severas advertências contra o ato de falar com tais mulheres, em especial, as samaritanas, pois afirmavam que eram impuras desde o berço. Os alimentos provindos dos samaritanos eram considerados impuros. Podemos afirmar que até mesmo a vasilha que ela carregava para apanhar água era impura para saciar a sede de um judeu. O ato de pedir água para uma mulher samaritana não era permitido. Jesus rompe a barreira do preconceito e das regras da piedade judaica. O cansaço e a fadiga de Jesus é

---

<sup>42</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 207.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 208.

<sup>44</sup> "O pedido de Jesus "Dá-me de beber" corresponde ao gênero literário das histórias de fontes (...). Em Jo 4, este pedido pode ser visto em conexão com o esforço e a fadiga, a fome e a sede de Jesus durante sua viagem. Sobre o pano de fundo dos outros textos do Quarto Evangelho, a sede de Jesus pode ser entendida também como expressão de sua sede pela salvação da humanidade. Recordam-se imediatamente as palavras de Jesus antes de morrer na cruz: "Tenho sede" (Jo 19, 28). Também estas palavras não exprimem somente a sede física de Jesus. Essa compreensão do pedido de Jesus se confirma pelo v. 8: "Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar algo para comer". Jesus aparece em nossa narrativa como um ser humano que experimenta fome e sede, mas as carências físicas têm também seu lado espiritual. Isso se esclarece, a seguir, quando Jesus significa que seu alimento é fazer a vontade do Pai que o enviou, portanto realizar a vontade salvífica do Pai (vv. 31-34)" (BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*, p. 116).

resultado da Sua caminhada, faz parte do trabalho de semear e caminhar. Semeadura e caminhada se identificam na vida de Jesus.

O Evangelista João afirma que *era por volta da sexta hora*, isto é, ao meio dia. Horário em que o sol está escaldante. Era hora de parar e descansar da caminhada. Jesus permanece sentado no manancial onde ocupa o seu lugar. "Ele próprio é o verdadeiro manancial, que toma o lugar da Lei, da tradição e do templo. Ezequiel anunciava que o templo futuro correria manancial de água crescente (Ez 47)."<sup>45</sup> Com esta atitude de acolhimento, Jesus anuncia que Ele é o novo santuário com a água do Espírito, não mais o poço de Jacó, mas a pessoa de Jesus. Quem era a mulher da Samaria?

A mulher não tem nome próprio nem se afirma que vem de Sicar; seu único traço é sua pertença à região; a mulher samaritana é a representante de Samaria, que matará a sede no manancial de Jacó, ou seja, em sua antiga tradição. Jesus está só, seus discípulos tinham ido buscar o que comer. É o encontro do Messias com a Samaria (...). O encontro começa com pedido de Jesus: *Dá-me de beber*. Por ser homem, Jesus sente necessidade e é, assim, solidário ao nível humano mais fundamental, que une os homens acima das culturas e das barreiras políticas e religiosas. É a demonstração do amor; a necessidade é a ocasião de manifestar-se em favor do homem; responder a ela é a condição para receber o dom de Deus.<sup>46</sup>

Os judeus não se dão com os samaritanos por questões políticas e religiosas que impedem o bom relacionamento. Jesus quebra essa barreira e permite que aconteça, através do encontro, a hospitalidade.<sup>47</sup> "Diz-lhe, então, a samaritana: 'Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?' Jesus lhe respondeu: 'Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!'" (Jo 4, 9-10). A mulher não consegue compreender como que um judeu pede de beber à uma samaritana. Ao fazer o pedido para saciar a sede, Jesus coloca por terra todo tipo de

<sup>45</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 209.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>47</sup> "Aunque em la Antigüedad la hospitalidad era muy apreciada, Jesús y sus discípulos no son acogidos em un pueblo samaritano, porque samaritanos y judíos no se apreciaban. Santiago y Juan quieren castigar a los samaritanos, pero Jesús los reprende. El grupo se dirige a otro pueblo donde sí será recibido. Lucas muestra que los discípulos de Jesús son rechazados. En Hch narrará más ejemplos del rechazo a los discípulos; serán perseguidos y castigados (Hch 13, 50; 14, 5). La actitud de Jesús da a entender que no condena ni opinión ni comportamiento de los samaritanos. Jesús practica la misericordia de Dios, como la enseñó en el sermón de la llanura: <sean misericordiosos como su Padre es misericordioso> (Lc 6, 36). En el párrafo siguiente Jesús da instrucciones concretas a sus discípulos sobre como manejar el rechazo" (LANGNER, Córdula. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*, p. 146-147).

superioridade que o judeus tinham com referência aos samaritanos. A mulher pode oferecer algo para Jesus matar a sua sede.

Jesus fala do *dom de Deus* e da *água viva que Ele é capaz de dar*. A proposta de Jesus é eliminar a inimizade e aproximar-se através do acolhimento ao diferente. O *dom de Deus* não distingue judeus e samaritanos, é para todos, independente de crenças e políticas. "O dom de Deus é o próprio Jesus, que traz a salvação para todos. Sendo o manancial da vida, é capaz de dar água viva, corrente, e a oferece à samaritana. Jesus está livre de todo preconceito; para ele existe só a relação interpessoal, manifestada no dar e no receber".<sup>48</sup> Em Jesus de Nazaré não há ideologia ou restrição cultural e religiosa.

A resposta da samaritana vem em forma de pergunta: "Senhor, nem sequer tens vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva? És porventura maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais" (Jo 4, 11-12). A samaritana está consciente de quem ela é. A pergunta é de ordem humana e prática.

A mulher não conhece outra água senão a daquele poço e percebe que Jesus nem sequer tem utensílios para retirar água. Somente conhece a água que se alcança com o esforço humano. Não tem conhecimento do dom gratuito de Deus. Os samaritanos consideravam-se descendentes de Jacó. Por isso, a mulher interroga Jesus se acaso Ele era maior que o seu pai Jacó, que simbolizava a Lei. Ela conhece o dom de Jacó, da Lei, todavia, desconhece o dom de Deus.

Jesus propôs outra água, Ele próprio. "Jesus lhe respondeu: 'Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna'" (Jo 4, 13-14). Jesus, com a sua resposta, mostra que a água do poço do pai Jacó era insuficiente. A mulher necessitava outra água.

Sem afirmar explicitamente sua superioridade com referência a Jacó, Jesus a dá a entender, expondo a excelência do seu dom. Oferece a todos a sua água, segundo o texto de Is 55, 1: "Ah! todos que tendes sede, vinde à água. Vós, os que não tendes dinheiro, vinde". Mas, à diferença da outra, bastará beber uma vez para que a sede seja apagada para sempre, porque o Espírito interiorizar-se-á no homem, como explicará em seguida. Este ato único de beber corresponde ao novo nascimento (3,

---

<sup>48</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 211.

3.5s), que dá a vida nova. O esforço não consistirá em adquirir sabedoria interior nem lenta perfeição própria segundo a Lei, e sim na tarefa do amor aos outros.<sup>49</sup>

"Disse-lhe a mulher: 'Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha que vir aqui para tirá-la!'" (Jo 4, 15). Ela está cansada de vir todos os dias ao poço de Jacó. O pedido da samaritana estava relacionado ao físico. Jesus apresenta a água viva, Ele próprio, que sacia a sede espiritual. Não havia compreendido a real intenção de Jesus. Todavia, despertou um anseio. A água que Cristo oferece é a sua Palavra e o Seu ensinamento. O Espírito que Jesus comunica não é água exterior como a do poço de Jacó, mas interior, como dom que faz renascer para a vida nova no Espírito.

"Jesus disse: 'Vai, chamar o teu marido e volta aqui'. A mulher respondeu: 'Não tenho marido'. Jesus lhe disse: 'Falaste bem: 'não tenho marido', pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade'" (Jo 4, 16-18). Os cinco maridos simbolizam os deuses importados por cinco povoados pagãos (cf. 2Rs 17, 24).

O deus cananeu se chamava Baal. Nas línguas semíticas, a palavra "*baal*" também significava 'marido'. Jesus louva a sinceridade da mulher em falar que não tinha marido e não condena sua condição matrimonial religiosa. Entre outras explicações sobre a questão da palavra 'marido', destacam-se três:

Para os cinco maridos da mulher alegaram-se diversas explicações. Eis as três mais importantes: 1) Os cinco são os cinco maridos da mulher da Samaria. Como os rabinos só permitem três casamentos sucessivos, ela é uma mulher de fama questionável. E seu parceiro atual nem sequer é seu marido. 2) Os cinco maridos significam as divindades dos samaritanos que, segundo 2Rs 17, 30-32.41, as tribos estrangeiras que migraram para Samaria trouxeram consigo. Verdade é que o texto de 2 Reis fala em sete, mas Flávio Josefo (*Ant.* IX, 288) só fala em cinco. Os samaritanos cultuaram essas divindades, e agora cultuam o Deus verdadeiro numa maneira que não lhe agrada. 3) Os cinco maridos representam os cinco livros do Pentateuco. A mulher representa a Samaria, que segue a tradição do Pentateuco, mas não foi fiel a esse laço com Deus.<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> Ibidem, p. 212.

<sup>50</sup> BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*, p. 120.

A samaritana reconhece em Jesus um profeta<sup>51</sup>. "Disse-lhe a mulher: 'Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram nesta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar'" (Jo 4, 19-20). Jesus é radical em afirmar que o próprio Templo está corrompido. Deixou de ser um lugar de oração para virar um ambiente de comércio. "A alternativa é o próprio Jesus, lugar da comunicação com Deus e novo santuário, do qual brota a água do Espírito".<sup>52</sup> Deus aparece exercendo a Sua paternidade, Sua hospitalidade.

O Deus da Lei havia criado distâncias entre os povos, desigualdades e inimizades. A Samaria não terá mais que suportar a humilhação dos outros povos, mas terá a sua identidade de crença. Jesus denuncia a idolatria dos samaritanos. O culto celebrado na montanha era idolátrico. O único Deus verdadeiro é aquele provindo do templo de Jerusalém.

A salvação que "provém dos judeus" é o próprio Jesus como Messias (4, 6), "o rei dos judeus" (18, 33; 19, 3.19). O seu reino, porém, será universal, pois não morrerá só pela nação, mas para reunir em unidade os filhos de Deus dispersos (11, 52); assim o anunciará na cruz o letrado redigido em três línguas (19, 20) e a divisão do manto em quatro partes, herança do crucificado para a humanidade inteira (19, 23 Leit.). Esta universalidade do salvador será reconhecida pelos samaritanos (4, 42: *O salvado do mundo*).<sup>53</sup>

"A mulher lhe disse: 'Sei que vem um Messias. Quando ele vier, nos explicará tudo'. Disse-lhe Jesus: 'Sou eu, que falo contigo'" (Jo 4, 25-26). A mulher sabia que chegaria o salvador, o Messias esperado. Ela estaria disposta a aceitá-lo no momento certo. A samaritana anuncia na aldeia a chegada do Messias. "Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: 'Ele me disse tudo o que fiz!'. Por isso, os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias" (Jo 4, 39-40). O testemunho da mulher samaritana revela o encontro transformador que aconteceu entre ela e a pessoa de Jesus, mesmo diante de uma sociedade que não aceitava tal encontro entre um judeu e uma samaritana.

O testemunho de uma mulher não era levado em conta pelo judaísmo. E quando se tratava de uma adúltera, a situação complicava ainda mais. Todavia, após o testemunho da

<sup>51</sup> "Os profetas eram considerados capazes de identificar o pensamento alheio, penetrando na mente das pessoas. Embora essa frequente designação de Jesus seja inadequada (4.44; 6.14; 7.40; 9, 17), ela pelo menos conduz ao diálogo para além de 4.17. Entretanto, os samaritanos não esperavam um profeta qualquer, mas o maior de todos, um da estatura de Moisés (Dt 18.15-18)" (KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos*, p. 283).

<sup>52</sup> MATEOS; Juan; BARRETO, Juan. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 217.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 218.



mulher samaritana<sup>54</sup>, os samaritanos pediram para Jesus permanecer no meio deles. A relação da mulher samaritana com a sua comunidade também muda, pois se tornou a primeira testemunha do encontro transformador com Jesus. Tal pedido, revela o dom da hospitalidade da parte dos samaritanos e da parte de Jesus que se sentiu acolhido diante do convite para permanecer na cidade da Samaria por alguns dias.

Percebemos que "durante essa estada, Jesus pode dirigir sua palavra aos samaritanos e conduzi-los a uma compreensão mais profunda de sua pessoa e missão".<sup>55</sup> Permanecer com os samaritanos fazia parte da missão de Jesus e quebrava a barreira da indiferença e dos conflitos existentes entre judeus e samaritanos. "Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele e diziam à mulher: 'Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo'" (Jo 4, 41-42).

#### 2.2.5 A hospitalidade na Primeira Carta de Pedro (1Pd 4,9)

A Primeira Carta de Pedro<sup>56</sup> pede que seja exercido o dom da hospitalidade sem resignação: "Sede hospitaleiros uns com os outros, sem murmurar" (1Pd 4, 9). O que significava ser hospitaleiro? "Hospitalidade era receber os outros. (...) Como em geral ocorre nos ideais éticos da Antiguidade, provisões e acomodações deveriam ser fornecidas

---

<sup>54</sup> "Não é insignificante que Jesus, na Samaria, se revele em primeiro lugar a uma mulher. Já na Antiguidade e no protojudaísmo se podem perceber e observar barreiras entre homens e mulheres. Jesus vence essas barreiras, para admiração de seus discípulos. Por todos os tempos, seu procedimento incomoda, no duplo sentido da palavra: primeiro como escândalo, depois como convite para seguir seu exemplo na superação de preconceitos em relação às mulheres. Se a mulher de Sicar é anunciadora da mensagem da salvação para seus compatriotas, então ela permanece exemplo para mulheres a serviço do anúncio até os dias de hoje" (BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*, p. 126).

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>56</sup> "A imagem de Pedro permaneceu extremamente importante depois de sua morte, conforme podemos perceber nas passagens dos evangelhos, as quais, com toda probabilidade, foram registradas por escrito depois do ano 70. Em Jo 21, ele é retratado como o pescador (missionário) principal entre os Doze, levando a Jesus enorme quantidade de peixes, e, a seguir, como o pastor encarregado de apascentar as ovelhas de Jesus. Em Lc 22, 32, ele é o apóstolo a quem Jesus diz: "Confirma teus irmãos". Em Mt 16, 18, Pedro, que reagira com fé ao Messias, o Filho de Deus, é aquele sobre quem Jesus construirá a Igreja e a quem confiará as chaves do reino do céu. Contra esse pano de fundo é que devemos compreender essa carta escrita em nome de Pedro" (BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 921-922)

generosamente, e não com má vontade".<sup>57</sup> O Cristianismo prega o acolhimento e o cuidado para com os outros na sua integralidade e nas relações humanas.

Sobre a data da Primeira Carta de Pedro há muitas questões que devem ser levadas em conta, cautela se faz necessária, pois é uma questão problemática.

Existe ainda pouco consenso acadêmico com referência a dados externos relevantes, bem como com respeito à data da composição da carta com outros aspectos, tais como a autoria, a integridade, as afinidades literárias e lugar de composição. Com certeza, ainda resta fazer uma pesquisa independente e compreensiva da data de 1 Pedro. Mas, em caráter provisório, eu apontaria três pontos dignos de especial atenção: (1) a situação e a composição social dos destinatários, analisadas acima; (2) a relação de 1 Pedro e seus destinatários com a literatura cristã mais amplas, bem como com as fases da evolução social cristã e a localização tanto do documento como de seus destinatários na "trajetória" histórica, social e teológica do cristianismo primitivo; e (3) as condições sociais e políticas de modo geral vigentes nos inícios do império romano (...). Uma vez que o presente estudo se concentra sobre o primeiro destes pontos, a consideração preliminar dos três fatores em conjunto leva-me a sugerir um data para 1 Pedro que se situa dentro do período flaviano (69-96 d.C.).<sup>58</sup>

Num olhar mais amplo sobre a Primeira Carta de Pedro é importante analisar alguns aspectos para contextualizar. O texto leva em conta cinco fatores relevantes: 1) localização geográfica; 2) a constituição étnica; 3) *status* social; 4) origem religiosa e 5) o contexto histórico em que os destinatários estavam inseridos.

*Primeiro fator:* a Carta de Pedro tem destinatários<sup>59</sup> em quatro províncias localizadas geograficamente.

A *localização geográfica* dos destinatários indica-se no endereço da carta: "... aos destinatários forasteiros em trânsito dispersos por (na diáspora de) Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (1, 1). Essas são referências a quatro regiões da Anatólia, que na expansão e conquista militar romana no leste, gradualmente, a partir de 133/131 a.C., caíram sob o controle de Roma. Por volta de 17 a.C., essa vasta extensão territorial, abarcando área de 128.000 milhas quadradas e população

<sup>57</sup> KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos. Novo Testamento*, p. 741.

<sup>58</sup> ELLIOTT, John H. *Um lar para quem não tem casa*, p. 116-117.

<sup>59</sup> "Conforme o título, o apóstolo Pedro está escrevendo "aos estrangeiros da Dispersão: do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia, eleitos segundo a presciência de Deus Pai, pela santificação do Espírito, para obedecer a Jesus Cristo". Se os lugares pretendiam indicar províncias romanas, depois a carta foi dirigida a cristãos da Ásia Menor como um todo, ainda que não se mencionem a Lícia, a Panfília e a Cilícia localizadas no sul" (KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 548).

aproximada de 8.500.000 habitantes, de acordo com estimativas de T.R.S. Broughton, foi dividida e organizada em quatro províncias romanas, tendo-se reunido em uma só unidade provincial a Bitínia e o Ponto, a partir de 65/63 a.C.<sup>60</sup>

É relevante o aspecto "destinatários" da Primeira Carta de Pedro<sup>61</sup>. "O que se tem em vista são cristãos como membros do verdadeiro povo de Deus, que se acham espalhados pela face da terra como estrangeiros, pois que sua verdadeira pátria é o céu".<sup>62</sup>

São numerosos os aspectos que a Primeira Carta de Pedro apresenta a partir deste conglomerado de províncias sob o ponto de vista social, político, cultural e econômico. O reflexo desta situação, ou melhor, deste problema que se apresentava na sociedade, sendo que os estrangeiros seriam provindos destas províncias. Todavia, a hostilidade se apresentava de forma aguda e ameaçadora desta atitude de acolhimento.

*Segundo fator:* a constituição étnica das comunidades destinatárias da Primeira Carta de Pedro "era mista, consistente de antigos judeus e de não-judeus, com preponderância destes últimos. (...) É abundante a documentação acerca da expansão da diáspora judaica por todas as regiões e províncias da Ásia Menor".<sup>63</sup> O constante fluxo de tráfego humano para a Ásia Menor contribuiu em suma importância para o aumento da população e a sua heterogeneidade. Sendo assim, a hospitalidade tornou-se relevante na vida dos estrangeiros.

*Terceiro fator:* sobre o *status* social não se tem muita clareza com relação a situação econômica dos destinatários. "Na melhor das hipóteses, é somente possível deduzir de Primeira Pedro informações sobre as condições econômicas dos destinatários. A grande maioria, porém, presume-se que integrava o proletariado rural e urbano".<sup>64</sup> Outro fator em destaque foi a separação entre o judaísmo e o cristianismo.

A separação, que se tornara mais pronunciada a partir do período da primeira guerra judaico-romana (66-70 d.C.), acarretou importante alteração no estatuto legal dos cristãos. A diáspora judaica continuou a manter o seu privilegiado estatuto político,

<sup>60</sup> ELLIOTT, John H. *Um lar para quem não tem casa*, p. 80.

<sup>61</sup> Aos seus destinatários e sua localização: "(...) cobria várias províncias da Ásia Menor: o Ponto, a Galácia, a Capadócia, a Ásia e a Bitínia. Várias dessas províncias foram evangelizadas por Paulo (pelo menos a Galácia e a Ásia, com sua capital, Éfeso, de onde Paulo mantinha contatos com a comunidade de Colossas). Também as sete cartas do Apocalipse foram endereçadas às Igrejas desta região" (CARREZ, Maurice; DORNIER, Pierre; DUMAIS, Marcel; TRIMAILLE, Michel. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 272).

<sup>62</sup> KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 549.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 96-97.

social e religioso no império, mesmo e apesar da rebelião palestinese. Quanto mais o movimento messiânico em torno de Jesus ia se distinguindo e se separando do judaísmo, tanto mais ia sacrificando o aparato de proteção assegurando o seu ancestral favorecido.<sup>65</sup>

*Quarto fator:* a questão da identidade religiosa era um dos fatores que regulava a vida do povo. Os estrangeiros que eram acolhidos deveriam participar da mesma doutrina, caso contrário, a hostilidade se tornaria uma realidade em suas vidas.

A Primeira Carta de Pedro destaca "a reprovação que o nome de 'cristão' acarretava para os crentes, argumentou-se que o mero fato de se levar esse nome já fora declarado crime pela política oficial romana".<sup>66</sup> O ambiente era de hostilidade com relação a identidade religiosa. Diante dessa situação, o acolhimento e a hospitalidade se tornaram indispensáveis.

*Quinto fator:* a situação dos destinatários. Diante dos fatores anteriores, a conclusão que o autor chega é que houve uma grande influência e um impacto profundo nas relações com o acolhimento dos estrangeiros cristãos.

O movimento cristão tinha se disseminado como seita religiosa pelas zonas urbanas e rurais de quatro ou mais províncias da Ásia Menor. A visão salvífica universal, que representava e buscava realizar em sua vida de comunidade, parecia atraente, sobretudo, aos que se achavam distantes das instâncias do poder social, dos fatores da segurança econômica e expostos à mobilidade social. Ao mesmo tempo que se descreviam em termos das tradições sagradas dos judeus, seus membros professavam a fé e adesão a alguém por eles rejeitado (1Pd 2, 4-7), que reverenciavam como "o Cristo" ou "o Senhor".<sup>67</sup>

No Novo Testamento, outro texto sagrado que traz o elemento da hospitalidade é a passagem de Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10), onde Jesus vai se hospedar na casa do chefe da coletoria de impostos.

---

<sup>65</sup> Ibidem, p. 99.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 108.

### 3 A EXPERIÊNCIA DO ACOLHIMENTO NA IGREJA DESDE UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA

No segundo capítulo desta pesquisa, o tema a ser trabalhado será o acolhimento desde uma abordagem teológica através de alguns Documentos da Igreja. A hospitalidade cristã busca acolher o outro como um dom de Deus, como um espaço de encontro entre o anfitrião e o hóspede. Na comensalidade encontramos a antecipação do Reino de Deus oferecida por Jesus de Nazaré. Alguns textos dos Documentos do Magistério e da Igreja serão utilizados para fundamentar a temática.

A experiência do acolhimento do ser humano na sua integralidade, tornou-se uma virtude cada vez mais relevante no ambiente eclesial. A Igreja<sup>68</sup> é a comunidade daqueles que invocam o nome do Senhor Jesus. Ela é *crístocêntrica*, isto é, fundada em Jesus Cristo, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia. É uma *comunidade de fé*, que pela força do Espírito Santo, exerce a missão de ser caminho e meio de salvação.

Conhecemos a definição clássica da Igreja como "a congregação de todos os batizados, unidos na mesma fé verdadeira, no mesmo sacrifício e nos mesmos sacramentos, sob a autoridade do Sumo Pontífice e dos bispos em comunhão com ele". Uma pessoa torna-se membro da Igreja quando recebe o sacramento do Batismo, e continua a sê-lo enquanto dela não se separar por cisma (negação ou contestação da autoridade papal, por heresias (negação de uma ou mais verdades de fé proclamadas pela Igreja), ou por excomunhão (exclusão da Igreja por certos pecados graves sem arrependimento). Mas mesmo essas pessoas, se foram batizadas validamente, permanecem basicamente súditos da Igreja, e estão obrigados a cumprir as suas leis, a não ser que delas sejam dispensadas especificamente.<sup>69</sup>

A fé eclesial em Cristo é garantida e movida pela ação do Espírito de Deus. Tal ação, corresponde aos dons que os fiéis receberam, em especial, os dons da hospitalidade, do acolhimento e da escuta. Ouvir os anseios e as inquietações é de grande importância para que

---

<sup>68</sup> O Apóstolo Paulo afirma que a Igreja é uma comunidade por sua existência "em Cristo". "O batismo faz participar da morte e da ressurreição de Cristo (Rm 6), e essa pertença a Cristo retira às diferenças entre os homens e todo poder de separação (1Cor 12, 12s; Gl 3, 26ss). Da mesma maneira, a ceia do Senhor nos dá parte (*koinonia*) no corpo e no sangue de Cristo, de sorte que os que assim participam de Cristo não formam mais que um só corpo: o "corpo de Cristo" (Rm 12, 5), e mesmo, o próprio Cristo (1Cor 12, 12)" (LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 853-854).

<sup>69</sup> TRESE, Leo J. *A fé explicada*, p. 133-134.

aconteça a hospitalidade e a partilha dos dons e carismas. Com relação ao dom do acolhimento e a doutrina do ensinamento, o Catecismo da Igreja Católica afirma que:

Esta doutrina transmite o ensinamento do Senhor com a autoridade dos Apóstolos, particularmente pela exposição das virtudes que decorrem da fé em Cristo e são animadas pela caridade, o principal dom do Espírito Santo. "Que o vosso amor seja sem hipocrisia (...) com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros (...) alegrando-vos na esperança, perseverando na tribulação, assíduos na oração, tomando parte nas necessidades dos santos, buscando proporcionar a hospitalidade (Rm 12, 9-13)".<sup>70</sup>

A hospitalidade se torna um evento na vida daqueles que são os personagens, possibilitando que o espaço seja de cuidado na relação entre o anfitrião e o hóspede. A hospitalidade é fruto de uma necessidade, inclusive de ordem antropológica. Quando se identifica uma necessidade, a virtude da hospitalidade é convocada: virtude que gera cuidado e escuta para melhor compreensão das reais necessidades do peregrino. Ela gera reciprocidade: uma vez acolhido, irá acolher. O anfitrião é responsável pela felicidade do hóspede. O que for necessário para tornar a hospedagem confortável, deve ser providenciado: alimentação, proteção, espaço, tempo e companhia. Essa estrutura da hospitalidade inspira a Igreja como "*para-oikia*", casa alternativa virtualmente aberta a todos.

### 3.1 O ACOLHIMENTO COMO EXIGÊNCIA ANTROPOLÓGICA

No ano de 2013, hospedamos um violinista argentino chamado Andréas na casa paroquial em Caçapava do Sul, que viera participar do Festival Mundial de Folclore promovido pelo Grupo de Artes Nativas "Os Chimangos". Oito países apresentaram danças e canções típicas que traduziam a cultura do seu país. Acolhemos com respeito e interesse em conhecer a cultura argentina. Durante o período da sua estada em nossa casa, a paróquia se responsabilizou pelo seu bem estar. No rito da despedida, houve troca de presentes, de contatos e convite para visitar a Argentina. Ficou evidente, através da minha percepção, que quem é hospedado uma vez, irá hospedar em outra situação de necessidade ou mesmo em

---

<sup>70</sup> Catecismo da Igreja Católica, 1971.

ocasião oportuna. De hóspede, deseja passar à anfitrião a partir da experiência do acolhimento.

O hóspede traz consigo uma expectativa se será bem acolhido na casa do anfitrião. O anfitrião também fica na expectativa de quem será o seu hóspede. Ele é um desconhecido, alguém que está de passagem, uma vez que, não permanece para sempre na casa, apenas um tempo. O hóspede não se torna membro da família, pois sua estadia é transitória, com tempo certo para iniciar e para acabar.

Em quais características podemos identificar o hóspede? O hóspede, na maioria das vezes, não é da cultura e não conhece os hábitos locais. Esses devem ser apresentados pelo anfitrião. Ele é um estranho que vai se familiarizando através das relações na casa. A hospitalidade é uma experiência humana. São diversos ritos que a compõem e não existe um rito único para exercer a hospitalidade, pois depende da cultura, do espaço, do tempo, do evento e da necessidade. É um processo que transforma os personagens do rito. O processo da hospitalidade deve respeitar o espaço e a liberdade de cada um, sendo que, o hóspede não é um *prisioneiro* na casa, mas deve cumprir horários e costumes do anfitrião.

No rito da hospitalidade não se exige nenhum retorno financeiro do hóspede, caso contrário, seria uma hospedaria ou um hotel. A comida, a bebida e as acomodações são gratuitas, sem cálculo e sem exigência de reciprocidade. A contribuição do hóspede é a riqueza da sua permanência e o conhecimento que permanecem na casa do anfitrião. Não há um manual de retribuição. O rito da hospitalidade é uma experiência cultural da irreciprocidade.

Acolher a pessoa na sua integralidade torna-se uma exigência antropológica. A hospitalidade é uma experiência primitiva e universal das culturas e religiões. "Acolher o outro como hóspede significa que aceitamos recebê-lo em nosso território, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e possuímos".<sup>71</sup> Portanto, a hospitalidade permite atravessar o *abismo da distância* com a celebração da *ponte da proximidade*. A pessoa estabelece um contato com o mundo, graças à sua experiência e construção, estabelece uma relação com quem está além da fronteira. O conceito de pessoa é definido como um *ser de relação*. O modelo de pessoa relacional, para os cristãos, é a pessoa de Jesus de Nazaré.

---

<sup>71</sup> BAPTISTA, Isabel. *Lugares de Hospitalidade*, p. 162.

O valor, a dignidade e a importância da resposta aparece de maneira especialmente clara em Jesus Cristo. Com efeito, toda a sua vida foi vivida na abertura-disponibilidade ao Pai e no amor-serviço aos irmãos. É a partir desta existência relacional de Jesus Cristo que as comunidades cristãs irão percebendo o que significa o valor e a dignidade de cada ser humano concreto. É esta experiência do ser humano, como ser de diálogo-relação, que está na base do que a Igreja entende por pessoa.<sup>72</sup>

O ser humano é uma criatura que forma parte do universo criado por Deus, mas não é uma simples criatura. No conceito de pessoa cristã, ele é filho de Deus. É um conceito bíblico que ressalta a relação dialogal entre Deus e o ser humano. Deus se comunica e o ser humano acolhe a comunicação de Deus. Acontece um diálogo entre o Criador e a criatura. A identidade da pessoa não é afetada: cada ser humano é único.<sup>73</sup> Enquanto é essencialmente relacional, é dispensável à hospitalidade.

Quando há um encontro, na vivência da hospitalidade, acontece dois momentos: o rito inicial e o rito da despedida. Ninguém sai da experiência do encontro igual. Algo fica do hóspede no anfitrião e, ao mesmo tempo, o hóspede leva consigo algo do anfitrião. A hospitalidade é um sair de dois diferentes sujeitos ao encontro do outro. É uma escola de aprendizado. Uma virtude humana. Sabemos que toda virtude deve ser cultivada e alimentada, pois o encontro fortalece os vínculos humanos. O ser humano é ambivalente: pode hospedar ou hostilizar. Dependendo de como foi a relação entre o hóspede e o anfitrião, o final da estadia, pode não ser a melhor experiência.

A antropologia do cuidado e do acolhimento é cada vez mais discutida e relevante no atual contexto de globalização. O próprio Filho de Deus é pessoalmente homem e o homem Jesus Cristo é pessoalmente Deus. Por isso, um ato humano de Jesus é, por isto mesmo, um ato pessoal de Deus manifestado sob forma humana. A antropologia fala da relação do ser humano com Deus. O homem é um ser dialogal e é a mais importante criação divina. A partir do evento Cristo, o homem tem uma referência para seguir e imitar.

---

<sup>72</sup> RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*, p. 247.

<sup>73</sup> "Toda pessoa é *única*, mas em *relação*. E, assim, a dimensão *comunitária* (em diferentes níveis) é constitutiva da pessoa, no extremo oposto a toda afirmação individualista (no sentido de fechamento em si próprio) do ser pessoal. Mais ainda, a pessoa só existe no concreto das situações históricas. Por isso, a defesa da dignidade da pessoa humana comporta o compromisso, no interior das tensões e conflitos próprios a cada situação, contra a injustiça, a opressão, a miséria etc, que impedem os seres humanos concretos de desenvolverem sua riqueza pessoal. Comporta, sem dúvida, o compromisso com as pessoas que têm a sua dignidade aviltada ou negada, mas implica igualmente o compromisso em nível estrutural de tornar possível - com as mediações adequadas a cada contexto e a cada situação - uma sociedade qualitativamente diferente, dotada de estruturas a serviço da possibilidade de personalização para todos" (RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*, p. 256-257).



A partir de aquí, el destino del hombre nos es ya ser imagen de Dios, sino imagen de Cristo. O mejor, el único modo como el hombre puede llegar a ser imagen de Dios es reproduciendo en sí mismo la imagen de Cristo, "que es imagen de Dios": "nosotros, que con el rostro descubierto reflejamos como en un espejo la gloria del Señor, nos vamos transformando en esa misma imagen cada vez más gloriosos" (2Cor 3, 18). A diferencia de Moisés, que tuvo que velar su rostro resplandeciente para no atemorizar a los israelitas (Ex 34, 33ss.), los discípulos de Cristo no tienen que cubrirse; el fulgor de sus rostros es permanente y progresivo.<sup>74</sup>

O Cristianismo fala da união de Deus com a humanidade. Jesus é a encarnação de Deus neste mundo, isto é, o acolhimento de Deus no humano e o acolhimento do ser humano no divino.

### 3.2 A IDENTIDADE DA IGREJA COMO LOCAL DE ACOLHIMENTO

A Igreja tem a sua identidade fundamentada na pessoa de Jesus Cristo. Ao falar de hospitalidade e do acolhimento, estamos falando da unidade na diversidade de dons e carismas que a Igreja acolhe no seu seio materno. Vejamos as notas da Igreja para melhor compreensão da identidade eclesial.

#### 3.2.1 As notas da Igreja

É de suma importância vermos as notas que identificam a Igreja para melhor compreendermos a sua vocação e a sua missão de evangelizar a partir de Jesus Cristo. Tais notas são: a *unicidade*, a *santidade*, a *catolicidade* e a *apostolicidade*. Vamos ver o que cada uma delas pode nos ajudar no processo e na atitude do acolhimento.

a) A Igreja é *una* a partir da pessoa de Cristo. A relação entre Cristo e a Igreja é de unidade. "A Igreja, por sua vez, está sujeita às tentações, às divisões (...). Por essa relação

---

<sup>74</sup> PEÑA, Juan L. Ruiz de la. *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*, p. 79.

podemos entender também que a Igreja *já* é nova aliança, mas que ela *ainda não* é reino de Deus".<sup>75</sup> Jesus Cristo é o centro da vida eclesial e a vocação da Igreja é testemunhar a unidade trinitária de Deus em Cristo. Esta é uma dimensão escatológica da Igreja<sup>76</sup>.

A Igreja Católica é *una* e única, formada por igrejas locais ou particulares na comunhão da Igreja Universal. A unidade da Igreja passa pela diversidade de dons e carismas provindos da ação do Espírito Santo. O dom do acolhimento e da hospitalidade fica em evidência em nossa missão de batizados e filhos de Deus.

Porém, visto que sempre é a igreja una que está presente nas muitas igrejas locais ou particulares, nenhuma igreja particular pode se isolar da igreja una; pelo contrário, cada igreja local é uma forma concreta da igreja una e depende da comunhão com todas as outras igrejas locais. Existem muitas igrejas e, no entanto, elas não se tornam a igreja una em virtude de sua junção posterior, mas em virtude da sua essência.<sup>77</sup>

A Igreja é *una*, por sua essência, é o corpo místico de Cristo que é a sua cabeça. "Portanto, o primeiro princípio de unidade da Igreja e a razão fundamental de sua unicidade encontram-se na unidade e na unicidade de Deus".<sup>78</sup> A Santíssima Trindade - Deus Pai, Filho e Espírito Santo - é o fundamento último da unidade da Igreja. Esta unidade se reflete na natureza e não existe divisão na obra de Deus. O que acontece é que o ser humano, pela sua liberdade, optou por caminhos diferentes. Assim, acontece na Igreja, ela é una, todavia, coordenada por homens que são limitados e pecadores. Ora, justamente a limitação e a necessidade humana proporcionam abertura ao exercício da hospitalidade e do cuidado. O texto de Atos dos Apóstolos traduz esta realidade: "Eles eram um só coração e uma só alma" (4, 32). A Igreja é *una* em sua essência, alimentada pelo Espírito de Deus, fonte de comunhão e unidade. Para o Apóstolo Paulo: "Há um só corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos" (Ef 4, 4-6).

<sup>75</sup> RATZINGER, Joseph. *O novo povo de Deus*, p. 227.

<sup>76</sup> "A igreja, portanto, não é idêntica com o reino de Deus, mas ela é sinal de seu futuro salutar, mais precisamente é sinal, de tal modo que o futuro de salvação de Deus já está presente nela e se torna acessível às pessoas através da igreja, através de sua proclamação e sua vida de celebração" (PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*, p. 70-71).

<sup>77</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência, realidade e missão*, p. 345.

<sup>78</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 99.

Contudo, estamos a caminho de uma realidade transcendente e escatológica. "Quando assim se realizar, ela se tornará a unidade perfeita de sujeitos que continuam pessoas, isto é, será a comunhão íntima estabelecida de forma pessoal e comunitária".<sup>79</sup> A Igreja é formada pelo povo de Deus a caminho da realidade escatológica. O Reino de Deus *já* está acontecendo, mas *ainda não* de forma definitiva. Na visão da teologia, se confirma a necessidade de que a Igreja deve ser *una*<sup>80</sup>, com tantos carismas e dons, ela vive a unidade na diversidade, na comunhão mútua, na reconciliação e na acolhida.

O Espírito Santo é a fonte desta unidade, pois habita nos crentes e pela Igreja realiza uma íntima comunhão com Cristo. A unidade faz parte da essência da Igreja da sua identidade. Não podemos pensar a Igreja fora desta categoria. O Catecismo da Igreja Católica escreve sobre *O Mistério Sagrado da Unidade da Igreja*.

Na unidade do Povo de Deus se congregam as diversidades dos povos e das culturas. Entre os membros da Igreja existe uma diversidade de dons, de encargos, de condições e de modos de vida. (...) A grande riqueza desta diversidade não se opõe à unidade da Igreja. Todavia, o pecado e o peso de suas consequências ameaçam sem cessar o dom da unidade. Assim, o apóstolo tem de exortar a "conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" (Ef 4, 3).<sup>81</sup>

A *Constituição Dogmática Lumen Gentium* afirma que "esta é a única Igreja de Cristo que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de Sua ressurreição entregou a Pedro para apascentar (Jo 21, 17)".<sup>82</sup> Os apóstolos são instrumentos para propagar e reger a Igreja. Ela é peregrina e fortalecida pela força do Senhor ressuscitado é sacramento visível de salvação entre os homens e mulheres de toda terra.

O Catecismo da Igreja Católica apresenta as *feridas* da unidade eclesial. A Igreja tem pecadores, ainda que seja "santa". "A Igreja é também para mim, pecador, o sacramento da salvação, o lugar onde me é oferecida sempre de novo a graça que vence o pecado, o pecado

---

<sup>79</sup> Idem, p. 99.

<sup>80</sup> "De acordo com o quarto evangelho, Jesus quer reunir as ovelhas dispersas para que haja um só rebanho e um só pastor (Jo 10, 16; cf. 11, 52). Desse modo, a unidade da Igreja não resulta da união espontânea de seus membros ou de várias igrejas. O princípio da unidade e o fundamento originário da unidade e da singularidade é o Deus único, que reúne o seu povo e o une em Jesus Cristo num só Espírito Santo. Em última instância, a igreja é um só na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 205).

<sup>81</sup> Catecismo da Igreja Católica, 814.

<sup>82</sup> *Lumen Gentium*, 20.

do mundo e o meu pecado".<sup>83</sup> Ora, o pecado é a ruptura da unidade e as rupturas fragilizam a relação com Cristo através da Igreja. O pecado fere esta relação e provoca uma ruptura. "Cristo dá sempre à sua Igreja o dom da unidade, mas a Igreja deve sempre orar e trabalhar para manter, reforçar e aperfeiçoar a unidade que Cristo quer para ela".<sup>84</sup> A unidade pregada por Cristo está descrita nos Evangelhos: "Que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17, 21). A Igreja como casa da hospitalidade cristã realiza e restaura a unidade mediante o sofrimento no perdão, tendo como modelo, o Mistério de reconciliação, a Santíssima Trindade. Portanto, a hospitalidade é parte integrante na *unicidade* da Igreja.

b) A Igreja é santa<sup>85</sup>, fundada por Jesus Cristo, o Santo de Deus, através da ação do Espírito Santo. Todavia, é pecadora, porque o pecado<sup>86</sup> está nos seus membros e filhos. Deus é Santo e torna a Igreja santa. O pecado pode extinguir a vitalidade santificadora da Igreja. Todavia, o pecado faz parte da dimensão humana da Igreja. "A graça sempre se mostra mais forte que qualquer fraqueza humana, por maior que esta seja".<sup>87</sup> Ele tem um efeito atual na Igreja, mas também percorre os tempos.

Enquanto que Cristo, santo e inocente, sem mancha, não conheceu o pecado, mas veio somente expiar os pecados do povo, a Igreja, que no seu próprio seio encerra pecadores, é simultaneamente santa e chamada a purificar-se, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e renovação. Todos os membros da Igreja, inclusive os seus ministros, devem reconhecer-se pecadores. Em todos eles, o joio do pecado encontra-se ainda misturado com a boa semente do Evangelho até ao fim dos tempos. A Igreja reúne, pois, em si, pecadores abrangidos pela salvação de Cristo, mas ainda a caminho da santificação.<sup>88</sup>

---

<sup>83</sup> BARREIRO, Álvaro. *Igreja, povo santo e pecador*, p. 108.

<sup>84</sup> Catecismo da Igreja Católica, 820.

<sup>85</sup> "O que quer dizer que a Igreja é santa? A resposta mais básica tem sido sempre a mesma: quer dizer que ela é de Deus, que participa de Deus, está relacionada com aquele que é "três vezes Santo" (Is 6, 3). Habitualmente, os textos que vimos dizem que a santidade é um atributo de Deus e de todas aquelas coisas que, de alguma forma, *participam* de Deus, orientam a essa participação na vida de Deus ou têm algum tipo de relação com Deus. Esta definição da santidade é a mais genérica que conhecemos, tendo-se vindo a repetir e aplicar sistematicamente desde há muito tempo nos tratados de eclesiologia" (AMARAL, Miguel de Salis. *Concidadãos dos Santos e membros da família de Deus*, p. 305).

<sup>86</sup> "Há um efeito do pecado que praticamente todos reconhecem: escurece o rosto da Igreja, a sua santidade genuína" (Ibidem, p. 365).

<sup>87</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 220.

<sup>88</sup> AMARAL, Miguel de Salis. *Concidadãos dos Santos e membros da família de Deus*, n. 827.

A Igreja é santificada por Cristo que é seu esposo, e sua missão é santificar os seus membros. "A Igreja, unida a Cristo, é santificada por Ele; por Ele e nele torna-se também *santificante*".<sup>89</sup> Por isso, a vida da Igreja está voltada à santificação dos homens através de Jesus Cristo, uma vez que, é nela que está depositada a plenitude dos meios de salvação. Sendo assim, os cristãos são chamados à perfeição da santidade, pois, Deus é santo e perfeito. A Igreja como casa da hospitalidade é sinal de salvação e reconciliação voltada aos seus fiéis através dos Sacramentos. Ela acolhe em seu seio pecadores na confiança de que a santidade de Deus, de Cristo e do Espírito Santo, transforme o pecador em santo.

Com sua vida de celebração a igreja é no meio deste mundo passageiro um sinal e indício da determinação definitiva dos seres humanos para uma comunhão reconciliada no reino de Deus: reconciliados com Deus e sobre essa base também reconciliados nos relacionamentos das pessoas entre si. Da existência dos cristãos e da igreja podem e devem partir efeitos reconciliadores para a convivência dos seres humanos já neste mundo.<sup>90</sup>

A existência da Igreja como sinal de comunhão está intimamente ligada ao Sacramento da Reconciliação. Reconciliados com o Pai, pois a Igreja revela através deste Sacramento o sinal de unidade e santidade com seus membros.<sup>91</sup> A Igreja mantém a sua unidade e santidade sendo um sinal de justiça e disciplina na vida dos seus filhos e filhas. Ela "é santa não apesar de, mas pelo fato de pecadores pertencerem a ela e ela carregar o pecado deles para curá-los e santificá-los".<sup>92</sup> Não podemos falar de hospitalidade, de acolhimento, de unidade, sem viver a reconciliação na ambiente da Igreja, na casa da reconciliação. O anfitrião busca reconciliar-se com aquele que vai receber em sua casa, é um processo que gera aproximação e reconciliação. Não só o sacramento da reconciliação, mas também a Eucaristia começa sempre com a acolhida misericordiosa de quem se reconhece pecador para sentar-se à mesa. A hospitalidade cristã ajuda a viver a santidade através da participação eclesial.

c) A Igreja é *católica*, isto é, universal em sua totalidade e integralidade. A catolicidade se dá na Igreja porque Cristo está presente nela. Na Igreja católica subsiste a

---

<sup>89</sup> Ibidem, n. 824.

<sup>90</sup> PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*, p. 94.

<sup>91</sup> "Portanto, desde o começo estava claro que na igreja há pecado e pecadores. Porém, isso compreensivelmente logo se tornou um problema para a igreja. Como se pode ser membro da igreja, membro do corpo de Cristo, quando não se tem o Espírito Santo nem amor, quando se perde ou se renega a fé, quando se reincide, em sua vida, num comportamento pagão ou escandaloso até para os pagãos? (...)" (KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 224).

<sup>92</sup> Ibidem, p. 228.

plenitude do Corpo de Cristo. A universalidade da Igreja se estende de Pentecostes à Parusia, a segunda vinda de Cristo. "Jesus Cristo é a plenitude e a igreja é católica na medida em que ela participa dessa plenitude".<sup>93</sup> A missão da Igreja é congregar, cuidar, amparar e acolher a todos os povos, por isso ela tem o caráter de universalidade: sua catolicidade. "Este caráter de universalidade que adorna o povo de Deus é dom do próprio Senhor. Graças a tal dom, a Igreja Católica tende a recapitular, eficaz e perpetuamente, a humanidade inteira, (...), sob Cristo Cabeça, na unidade do Seu Espírito".<sup>94</sup>

A catolicidade da Igreja se estende aos cristãos de todos os tempos. Ela é chamada a ser um sinal de comunhão e salvação para o mundo inteiro. Para manter o sentido da catolicidade na Igreja, o Espírito Santo exerce um importante papel. Ele anima a vida da Igreja através dos carismas e dons. Através da ação do Espírito Santo, compreendemos que não há divisão geográfica da Igreja, uma vez que, ela está espalhada por todo o mundo. A Igreja católica possui em si a plenitude dos meios de salvação.

Ao falar da Igreja como casa da hospitalidade cristã, estamos falando da Igreja que acolhe e respeita a dignidade humana. "A universalização e concretização dessa catolicidade essencial é a obra do Espírito Santo, que leva a igreja a toda verdade (Jo 16, 13) e a impele para a missão e, desse modo, para a inclusão dos povos e suas culturas".<sup>95</sup> Uma vez acolhidos na Igreja, serão também acolhidos no Reino de Deus, pois a Igreja é o sacramento do Reino. É o próprio Deus quem acolhe a diversidade de povos através dos seus ministros na Igreja. Ser católico significa participar da universalidade da igreja. "A catolicidade tem, muito antes, a sua identidade em Jesus Cristo e, por essa razão, não pode ser desvinculada da unidade, santidade e apostolicidade da igreja".<sup>96</sup> Portanto, a questão do acolhimento na vida eclesial reflete a vida e a missão de Cristo que abraça o mundo: "Pois Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele" (Jo 3, 17).

d) A Igreja é *apostólica* por ser fundada sobre os alicerces dos Apóstolos. Foram eles que deram continuidade à missão de Cristo e deram início à Igreja depois da Páscoa.

Toda a Igreja é apostólica na medida em que, por meio dos sucessores de São Pedro e dos apóstolos, permanece em comunhão de fé e de vida com origem. Toda Igreja é apostólica na medida em que é "enviada" ao mundo inteiro; todos os membros da

<sup>93</sup> Ibidem, p. 230.

<sup>94</sup> *Lumen Gentium*, 13.

<sup>95</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência, realidade, missão*, p. 234-235.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 236.

Igreja, ainda que de formas diversas, participam deste envio. A vocação cristã é também por natureza vocação ao apostolado. Denomina-se "apostolado" "toda a atividade do Corpo Místico" que tende a "estender o reino de Cristo a toda a terra".<sup>97</sup>

A apostolicidade da Igreja continua, assim, viva no nosso tempo, pois conserva e transmite através da ação do Espírito Santo que nela habita e a mantém viva e atuante. A catolicidade se mantém até nossos dias na missão da Igreja através de Cristo. Destaca-se a importância daquele que é enviado em missão, pois não é apenas um enviado, mas representa quem o enviou.

Jesus Cristo é o Enviado do Pai; ele é o *apóstolo Katexochén* (Hb 3, 1). Assim como ele foi enviado, também ele passa a enviar os apóstolos. "Como o Pai me enviou também eu vos envio" (Jo 20, 21). Para que cumpram sua missão, ele lhes envia o Espírito Santo; ele os lembrará de tudo o que Jesus lhes havia dito (Jo 14, 26; cf. 17, 18). Assim, a igreja foi construída sobre o fundamento dos apóstolos e profetas (Ef 2, 20). (...). O enviado é como o que envia. Isso significa que o enviado não é um simples delegado; ele é, muito antes, o representante de quem o envia.<sup>98</sup>

Os apóstolos têm uma missão bem definida, uma espécie de herança, um ministério a ser vivenciado e testemunhado através da transmissão da Santa Doutrina.

Aquilo que foi confiado aos apóstolos deve ser exercido, mediante um mistério recebido ou derivado deles. Constitui-se, assim, um só corpo, uma só realidade, uma só pessoa (...), uma hierarquia. A ideia de um único sujeito de direito, que dura através das séries de anos, muitas vezes é expressa em termos de herança. De fato, dizemos uma "sucessão" para designar uma herança, um legado. É o princípio de identidade e de missão, cuja autoridade passa daquele que envia àquele que é enviado. Assim, a sucessão é ao mesmo tempo história e real.<sup>99</sup>

Os apóstolos receberam uma missão confiada a eles para continuar a obra de Jesus Cristo no mundo. "A missão tampouco é tão somente uma atividade da igreja para disseminar a igreja; segundo o testemunho dos Atos dos Apóstolos, a missão é sustentada, levada adiante e reiteradamente impulsionada pelo Espírito Santo".<sup>100</sup> O Espírito Santo<sup>101</sup>, assim como nas

<sup>97</sup> Catecismo da Igreja Católica, 863.

<sup>98</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência, realidade, missão*, p. 239.

<sup>99</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 122.

<sup>100</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência, realidade, missão*, p. 242-243.

outras categorias, também exerce uma relevante missão de assegurar a fidelidade da Igreja à fé transmitida pelos apóstolos. Assim, teremos condições de tornar a Igreja uma casa da hospitalidade cristã, do acolhimento e do cuidado, servindo a todos a tradição recebida dos apóstolos. Tomemos como exemplo o apóstolo Paulo. Ele parte para Jerusalém e deixa encarregados para cuidar da comunidade. "Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu como bispos, como pastores da Igreja de Deus" (At 20, 28). Paulo não abandona a sua comunidade, mas deixa ministros encarregados para cuidarem dela. Deste modo, entendemos a Igreja e a sua relação com Cristo que não nos abandonou, mas enviou o Defensor, o Espírito Santo, que age através dos ministros responsáveis pela vida eclesial exercendo o dom e a virtude da hospitalidade que nos servem à tradição apostólica, como Paulo lembra: "Eu vos transmiti o que eu mesmo recebi" (1Cor 15, 3).

### 3.2.2 Hospitalidade Eucarística: sentido antropológico da comensalidade

A hospitalidade é uma experiência humana de relações de acolhimento e de cuidado. Como vimos, há uma relação recíproca, sem interesses e retornos. O rito deve acontecer naturalmente. O resultado deste rito é um profundo e significativo intercâmbio de dons. Na Igreja chamamos de *hospitalidade Eucarística*, onde o próprio Jesus se dá como alimento para a Vida Eterna. A expressão "hospitalidade eucarística" está sendo empregada no diálogo ecumênico com o sentido estrito de "inter-comunhão", mas aqui utilizamos no sentido mais amplo.

A comunhão acontece na fração do pão, a mesa é sinal e local da comunhão e partilha, isto é, a vivência da comensalidade se dá na simplicidade da vida dos mais humildes, que em muitas situações, são privados de participar da mesa dos convidados. Em nossa sociedade moderna encontramos muitas situações em que a mesa se tornou sinal de exclusão. Na mesa de Jesus acontece a comunhão, a aproximação e a participação.

---

<sup>101</sup> "É o Espírito Santo quem assegura a fidelidade da Igreja à fé recebida dos apóstolos, mantendo a conformidade com as origens e, ao mesmo tempo, a referência à escatologia, que nunca a Igreja pode perder. Desse modo, mantém-se a proximidade entre catolicidade e apostolicidade, como entre catolicidade e unidade. João apresenta a missão do Espírito Santo como a de dar testemunho da verdade do que foi recebido de Cristo (cf. Jo 14, 16.26; 15, 26) e a projeção para o futuro (cf. Jo 15, 26-27; Lc 24, 48-49; At 1, 8; 5, 32)" (HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 123).



O sinal básico desse sacramento é a comunhão de mesa: pão e vinho são repartidos, a palavra interpretativa fala da última ceia de Jesus e convida: "Tomai, comei, (...) bebei!" (Mt 26, 26s). A Eucaristia cristã, a "Ceia do Senhor" (1Cor 11, 20), tem sua origem no ceiar em Israel, que une os participantes entre si e com Deus; nas ceias de Jesus com os discípulos, que eram sinais realizadores de seu convite para o reino de Deus e de sua pró-existência (sua existência em favor dos outros); na última ceia de Jesus, na qual sua pró-existência em face da morte iminente se condensou na entrega extrema e na experiência de seu ressuscitamento e de sua nova vinda, que os discípulos fizeram "ao partir do pão" (Lc 24, 35).<sup>102</sup>

A hospitalidade eucarística se dá na comunhão com a Igreja. Eucaristia significa *ação de graças*.<sup>103</sup> No Novo Testamento a Eucaristia iniciou com a fração do pão na comunidade apostólica, isto é, a refeição e a comensalidade.

Comer e beber, atividades naturais do ser humano, conservam e fortalecem a vida e são, ao mesmo tempo, o contato primário com o mundo. Na alimentação necessária para a vida o ser humano se conscientiza de que a fonte da vida não reside nele mesmo e que receber é condição fundamental da existência. Além da mera função alimentícia de comer e beber, a maioria dos povos desenvolveu uma cultura em torno do ceiar: por meio de comer e beber em conjunto se representa e estabelece comunhão. A estrutura básica do receber sugere mais outro conteúdo do ceiar: agradecimento ao Criador como origem da vida e da comunhão de mesa. Dessa maneira a ceia também se torna sinal da comunhão com Deus. A história das religiões conhece formas variadas da ceia sagrada, e em muitos lugares também a refeição diária se torna lugar do agradecimento.<sup>104</sup>

Para os judeus as refeições têm um caráter cultural. Tomemos por exemplo Abraão que convida os três visitantes para ceiar (cf. Gn 18,1-15) e Moisés que celebra a refeição para selar a Aliança (cf. Ex 24). Acolher uma pessoa em sua casa e convidá-la para ceiar tem um sentido teológico da hospitalidade Eucarística.

O centro do ministério de Jesus foi o anúncio do Reino de Deus. Nas refeições esta realidade se manifesta integralmente, tanto que, algumas vezes Cristo foi acusado de comilão

<sup>102</sup> NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina específica dos Sacramentos*. In: Schneider (org.). *Manual de Dogmática*, p. 263.

<sup>103</sup> "O termo "eucaristia" (gr. *eucharistia*, "ação de graças") não aparece no Novo Testamento para indicar o rito sacramental do ofertório e da consumação do pão e do vinho. Ele é usado a primeira vez na *Didaché* (fim do século I), sendo também usado por Inácio de Antioquia e Justino. No Novo Testamento, o rito é chamado "ceia do Senhor" (1Cor 11, 20), *agape* (Jd 12; cf. AMOR) e, talvez, "fração do pão" (At 2, 42.46; 20, 7.11). Alguns estudiosos modernos perguntam-se se é do sacramento que se trata em At 2, 46; 20, 7.11), passagens em que a resposta não é muito clara, como parece ser no caso de At 2, 42" (McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*, p. 314-315).

<sup>104</sup> NOCKE, Franz-Josef. *Doutrina específica dos Sacramentos*. In: Schneider (org.). *Manual de Dogmática*, p. 242.

e beberão, juntamente com os seus discípulos. O ato de comer significava estar em comunhão com os comensais que sentam ao redor da mesa para partilhar o alimento. Alimentar-se no espaço da mesa, servia para estabelecer uma relação de amizade, cuidado e abertura aos necessitados. A comensalidade de Jesus está intimamente relacionada com o processo da missão dos Discípulos. O sucesso da missão dos Discípulos não está nas suas palavras e discursos, mas nas suas ações e testemunho de fé no mundo, assim, irão convencer as pessoas para aderir de forma sincera ao Reino de Deus. É o próprio Deus que se dá como dom para a humanidade. O Reino já não era uma promessa futura apenas, mas uma realidade antecipada na vida dos comensais. Castillo fala da experiência humana da comensalidade que transcende a religião.

O Deus que se revela nas refeições de Jesus não é um Deus limitado a uma religião, a uma determinada crença ou a uma confissão religiosa. O importante para Jesus não é a *prática religiosa*, mas a *experiência humana* que se vive quando se partilha a mesma mesa. Mas sempre com a nítida preferência pelos últimos. Daí a recomendação de Jesus no sentido de que, quando se convida alguém para comer, o convite não deve ser feito a "parentes ou vizinhos ricos", mas "aos pobres, inválidos, coxos e cegos" (Lc 14, 12-13).<sup>105</sup>

As refeições que Jesus fazia acontecia no cotidiano das pessoas e não num local sagrado. Um grupo, em especial, tinha lugar privilegiado, eram os pecadores. A tradição de que Jesus sentava-se à mesa com pecadores de vários tipos e comia com eles é historicamente confiável e pode ser considerada fora de dúvida. A mesa aberta a todos e suas implicações são assumidas por Jesus livremente. Jesus ofereceu-lhes sua comunhão e amizade como sinal de que Deus os acolhe em seu Reino. Compartilhar a mesa com alguém é assinalar o desejo de compartilhar a própria vida. As refeições com pecadores são um dos traços mais surpreendentes e singulares do ministério de Jesus. Talvez o que mais o diferencia de todos os seus contemporâneos e de todos os profetas e mestres do passado. Os pecadores são seus companheiros de mesa, antecipando a participação na mesa do Reino.

As mulheres também estavam à mesa com Jesus e tinham preferência. A relação de Jesus com as mulheres extrapola os limites da compreensão, do entendimento e da aceitação da cultura da época. Sua liberdade ao tratar com a mulher e sua postura diante da marginalização desta na família e na sociedade desperta a atenção. Isto escandalizou os judeus

---

<sup>105</sup> CASTILLO, José M. *Jesus. A humanização de Deus*, p. 334.

e colocou em dúvida a sua credibilidade, um profeta poderia se aproximar destes que eram considerados impuros? Poderia conversar com uma mulher? Do ponto de vista religioso a mulher se diferenciava do homem e deveria se sujeitar às proibições impostas pela religião predominante da época. A presença destas mulheres, em especial, aquelas que Jesus havia curado, na comensalidade era causa de desconforto para os judeus. Todavia, Jesus afirma que as prostitutas e pecadores têm lugar privilegiado no Reino dos Céus.

Jesus é amigo dos pecadores e Sua presença é um sinal concreto e visível da Aliança com Deus. Ele convida os pecadores e com eles faz refeições (cf. Lc 15, 1-2). Jesus usa a linguagem da refeição como forma de comunhão e de hospitalidade. É importante ressaltar que Jesus foi anfitrião-hóspede e hóspede-anfitrião. Citamos como exemplo, entre outros, Maria Madalena: “Teus pecados estão perdoados” (Lc 7, 48b); e Zaqueu: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19, 9a).

O Reino de Deus se apresenta na simbologia das refeições, aparece como *Graça*, no entanto, pode tornar-se juízo de salvação. Em todas estas ações Jesus está anunciando o perdão, a reconciliação, a amizade, a salvação, e, sobretudo, o amor de Deus para com os seus filhos através da arte do cuidado e da hospitalidade, sendo anfitrião e hóspede.

A partilha fraterna significa estar em íntima comunhão com Deus, acolher e hospedar um novo habitante na sua vida. Para os discípulos, o ato de comer e beber com seu Mestre, marcou suas vidas profundamente. Na mesa de Jesus havia espaço para todos. Ser aceito para comer com o Messias é um gesto simbólico de reconciliação e de hospitalidade (cf. At 10, 40-42). Depois da Páscoa é o próprio Cristo que se dá como alimento para a nossa salvação através da Eucaristia na vida da Igreja. A Igreja mantém a Eucaristia e a Eucaristia mantém a Igreja.

As parábolas de Jesus expressam a Sua relação com a comensalidade. São formas simples de explicar e anunciar o Reino de Deus. Ele recorre à simplicidade de uma narrativa que aponta, através de imagens comuns a todos, por exemplo a vida no campo, aspectos da natureza, para a presença amorosa de Deus Criador.

Há um elemento de seriedade existencial na banalidade da parábola: esconde dentro da vida humana cotidiana neste mundo um apelo mais profundo. Parábolas não apontam para outro mundo acima deste, mas para outra possibilidade dentro deste

nosso mundo, para uma possibilidade real de vermos e vivermos a vida e o mundo de maneira bem diferente do que se costuma fazer.<sup>106</sup>

Nas parábolas de Jesus encontramos um sentido escatológico, isto é, uma clara referência ao Reino de Deus.<sup>107</sup> A mesa de Jesus está aberta a todos. É o lugar da acolhida, do perdão e da reconciliação. Por isso, em sua sacramentalidade, a comensalidade de comunhão e a hospitalidade, transformam-se em fonte inesgotável de reconciliação. Através da convivência festiva com Jesus, as pessoas, que até então eram discriminadas por sua própria sociedade, sentem-se livres da humilhação e aceitas como amigos. Na mesa do Reino sentem-se acolhidos e incluídos na amizade com Deus.

A comunhão judaica não estabelecia uma hospitalidade aberta, todavia, restringia e limitava, criando barreiras e divisões na vida do povo. Na mesa de Jesus há uma comunhão horizontal, sentados à mesa, participando da refeição e partilhando experiências de vida. Seria possível uma Igreja de iguais? O Concílio Vaticano II propõe uma Igreja aberta, acolhedora e missionária.

Um só é, pois, o Povo eleito de Deus: "um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4, 5). Comum a dignidade dos membros pela regeneração em Cristo. Comum a graça de filhos. Comum a vocação à perfeição. Um só a salvação, uma só a esperança e indivisa a caridade. Não há, pois, em Cristo e na Igreja, nenhuma desigualdade em vista de raça ou nação, condição social ou sexo, porquanto "não há judeu ou grego, não há servo ou livre, não há varão ou mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3, 28 grego; cf. Col 3, 11).<sup>108</sup>

Os membros da Igreja são membros da mesa e agentes responsáveis em sua fé. Chamamos de *hospitalidade inclusiva*, isto é, mesa de comunhão. Todos os fiéis são protagonistas desta comunhão que se inserem na comunidade de fé de forma ativa e participativa. Na mesa do Reino não encontramos discriminações, exclusões, legalismos, mas, acolhida, partilha, diálogo, compreensão, solidariedade e hospitalidade. A Igreja é interpelada

<sup>106</sup> SCHILLEBECKX, E. *Jesus: a história de um vivente*, p. 151.

<sup>107</sup> "Celebrações antecipatórias do banquete salvífico do fim dos tempos (Mt 8, 11), nas quais já agora se representa a comunidade dos santos (Mc 2, 19). A inclusão dos pecadores na comunidade salvífica, realizada na comunhão de mesa, é a expressão mais palpável da mensagem do amor redentor de Deus" (JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*, p. 186).

<sup>108</sup> *Lumen Gentium*, 32.

a ser *casa da comunhão*. Ela assume uma atitude de solidariedade com as necessidades do mundo. A diversidade de dons e carismas na Igreja não deixa cair na tentação da uniformidade ou da imposição de um determinado tipo de cultura religiosa.

Para compreender o significado da Eucaristia e a extensão da hospitalidade no tempo, é importante entender a questão do memorial. Significa trazer presente, ou ainda, atualizar o fato. Em hebraico: *Zikkaron*, recordar; em grego: *Anamnesis*. O memorial tem dois sentidos: *descendente* e *ascendente*.<sup>109</sup> No sentido *descendente* é Deus quem recorda as promessas: cf. Sl 105; Lc 1,68s; no sentido *ascendente* é o ser humano que lembra o que o Senhor fez por eles, é um lembrete objetivo. Portanto, celebrar a Eucaristia hoje, é participar do gesto salvífico de Jesus. “Olhar o passado, projetando-o, porém, para o futuro com a espera escatológica e sentido que o acontecimento histórico e o futuro se concentram no “hoje” da celebração”.<sup>110</sup> Uma celebração que atualiza o que celebra sendo memorial de salvação. O memorial cúllico perpetua a presença do acontecimento histórico. “Este dia será para vós um memorial, e o celebrareis como uma festa para Iahweh; nas vossas gerações a festejareis; é um decreto perpétuo” (Ex 12,14). A comunidade cristã tem esta certeza de que Cristo se faz presença real no Sacramento da Eucaristia e nos transforma em missionários e missionárias através da hospitalidade e do acolhimento.

A Eucaristia nasce no contexto da ceia pascal. “Desse modo, estaremos em condições de entender melhor, no âmbito neotestamentário, a relação dinâmico-salvífica entre o *sinhal profético* dado na *Última Ceia*, o *evento fundador* da morte-ressurreição do Senhor”<sup>111</sup>. Na origem da Páscoa judaica encontramos dois ritos: primeiro, o rito do cordeiro, onde pastores nômades e agricultores ofereciam as primícias do rebanho; e segundo, o rito dos pães ázimos, onde os povos sedentários pediam proteção às plantações.

Na última Ceia Jesus interpreta a sua morte como chegada do Reino. A chegada do Reino requer a entrega de Sua vida. A Ceia será de despedida<sup>112</sup> do mundo e dos seus discípulos (cf. Mc 14,25). “Jesus se despediu de sua comunidade de discípulos em uma ceia. Além disso, sabemos que aquela ceia final teve, e continua tendo, um significado central para

<sup>109</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*, p. 43.

<sup>110</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>111</sup> GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia*, p. 95.

<sup>112</sup> “Todos sabemos que ceiar juntos é um ato de proximidade humana, quem sabe de intimidade. Porém, se acrescentarmos que se trata de uma ceia de despedida de alguém a quem se aprecia muito, se valoriza muito e se tem em grande estima, então a coisa tem ainda mais importância e, logicamente, recebe uma carga de emotividade e de sentimentos fortes. Isso justamente é o que ocorreu naquela noite. (...) Jesus sabia que iriam matá-lo” (CASTILLO, José M. *Jesus. A humanização de Deus*, p. 341).

a vida dos fiéis que creem em Jesus".<sup>113</sup> O que se viveu naquele momento foi uma despedida definitiva. "A partir de agora não beberei mais do fruto da videira" (Lc 22, 18). Jesus está dizendo que aquela era sua última refeição partilhada neste mundo. Foi uma despedida trágica para aqueles que caminhavam junto com Jesus. Os discípulos tinham que tomar consciência de que Jesus não iria fugir ou proteger-se. Iria entregar-se sem opor resistência. Jesus é fiel à sua promessa e sua humanidade está acima de nossas desumanizações. A morte de Jesus significa o início de uma nova realidade definitiva. Não foi um fracasso, mas condição para o triunfo da Ressurreição. O Banquete Pascal atualiza o caminho de Jesus para o Pai. Nos torna participantes do banquete do Reino. Jesus está presente na comunidade humana através da *comensalidade eucarística*.

A Eucaristia é o ato de comensalidade em que se transcendem as traições e os abandonos, as negações, as covardias e os comportamentos hipócritas. Não se trata de excluir da Eucaristia os covardes e os traidores. Jesus não os excluiu. Judas comeu do mesmo prato em que comia o próprio Jesus (Jo 13, 26). E Pedro, precisamente naquelas circunstâncias tão difíceis, recebeu confidências de amizade e confiança por parte de Jesus (Jo 13, 23-26).<sup>114</sup>

Jesus transformou os comportamentos mais fortes de desumanização, abandono e traição, em comportamento de proximidade, amizade e hospitalidade. No Novo Testamento toda a vida de Jesus é uma pró-existência, um aproximar-se daqueles que estavam distantes e eram tratados com indiferença pela sociedade cultural, política e religiosa da época. A expiação na cruz abre para todos a possibilidade da comunhão plena com Deus. No sacrifício que Jesus faz na cruz eleva de forma plena aquilo que ele pregou em sua vida. Participando da Eucaristia estamos participando do acontecimento salvífico. A Eucaristia renova a relação com Deus. Aqueles que participam da Eucaristia estão participando da Nova e definitiva Aliança.

O sentido da Eucaristia é a auto-doação sacramental de Cristo. O Senhor quer continuar doando-se aos seus. Na doação do pão e vinho, Corpo e Sangue, está sintetizada a entrega que Jesus faz durante Sua vida. A morte de Jesus não rompe a comunhão com os seus, mas ela continua pela presença de Cristo na Eucaristia, comunhão mais profunda e universal.

---

<sup>113</sup> Ibidem, p. 340.

<sup>114</sup> Ibidem, p. 345.

São Paulo<sup>115</sup> apresenta a Eucaristia como relação fraterna entre os cristãos (Cf. 1Cor 11, 17-34). "O que Paulo afirma com vigor é que as desigualdades sociais, que se traduzem em interferências, enfrentamentos e desprezo, tornam impossível a Eucaristia. Ou seja, *onde falha a comensalidade, falha igualmente a Eucaristia*".<sup>116</sup> A comunidade fraterna aparece como efeito da Celebração Eucarística, e ao mesmo tempo, aparece como condição para que se celebre a Eucaristia. Ao participar da Eucaristia nós formamos um único Corpo.

Por fim, a *hospitalidade eucarística* é a atualização por meio do rito de toda a existência de Jesus, da mesma forma que a Ceia de Jesus foi o resumo de toda a sua vida e a expressão máxima das suas atitudes. Celebrar a Ceia do Senhor é participar em sua entrega até a morte e em sua Ressurreição. Implica identificação com Sua fidelidade à causa do Reino de Deus, com sua entrega voluntária e livre a serviço do próximo até doar a própria vida. Enfim, podemos afirmar que a hospitalidade é uma experiência compartilhada com alguém desconhecido, que na relação do encontro, torna-se conhecido naquele ambiente, para nós cristãos, chamamos de *hospitalidade eucarística*. Vejamos o que o Magistério da Igreja reflete sobre o tema do acolhimento: por uma experiência da hospitalidade.

### 3.3 A EXPERIÊNCIA DO ACOLHIMENTO: ABORDAGEM DESDE O MAGISTÉRIO DA IGREJA

A Igreja acolhe e oferece hospitalidade para os peregrinos que percorrem a jornada da sua existência. Ela é uma instituição que manifesta o amor de Deus na vida dos seus fiéis através dos Sacramentos e da Sagrada Liturgia.

O amor da Igreja, à semelhança do amor de Deus, difunde-se mesmo lá onde ele não encontra resposta. Tudo isto indica a abertura da Igreja diante do mundo. Pode-se dizer que tudo quanto é expressão de amor é também algo autêntico e legítimo; portanto, são legítimas todas as "aberturas" requeridas pelo papel missionário da

---

<sup>115</sup> "Na Primeira Carta aos Coríntios (11, 20-22, 34), vemos como, numa sociedade diferente, as coisas se davam diversamente: as pessoas abastadas levavam consigo a sua refeição e comiam abundantemente, enquanto as pessoas pobres deviam contentar-se, também lá, só com pão. Bem depressa experiências desse gênero levaram a separar a Ceia do Senhor do banquete normal e, ao mesmo tempo, aceleraram a formação duma estrutura litúrgica específica. Entretanto, em nenhum caso devemos pensar que, na "Ceia do Senhor", se limitassem simplesmente a recitar as palavras de consagração. A partir do próprio Jesus, estas aparecem como uma parte de sua *berakha*, da sua oração de agradecimento e de bênção" (RATZINGER, Joseph. Bento XVI. *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*, p. 131-132).

<sup>116</sup> CASTILLO, José M. *Jesus. A humanização de Deus*, p. 346.

Igreja. São, porém, inautênticas as "aberturas" que se opõem à ordem de pregar, ou seja, à "missio". A verdadeira abertura da Igreja deve efetuar-se mediante o serviço e o amor, a fim de que possa ser uma abertura de tipo cristológico e não "mundanizante".<sup>117</sup>

Vejamos o que o Concílio Vaticano II, em especial a *Lumen Gentium*, fala sobre o tema do acolhimento no ambiente eclesial.

### 3.3.1 A visão do Concílio Vaticano II: acolhimento na casa da Igreja

O Concílio Vaticano II "não visa, ao que parece, a uma mundanização, e sim a uma abertura para o mundo".<sup>118</sup> Vamos examinar aqui o que a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, luz dos povos, afirma sobre o acolhimento na Igreja, fundada por Jesus Cristo, que elevou os homens e mulheres à participação da vida divina.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* destaca Cristo como *Luz dos povos*. Através da Encarnação de Cristo, Deus ofereceu a salvação aos homens e mulheres da terra. Na Igreja estão congregados aqueles que creem no Redentor. Cristo fundou a Igreja pregando o Reino de Deus, através das Suas palavras e obras. A Igreja tem por missão continuar o projeto de Jesus Cristo através do anúncio do Reino de Deus. Ela está sujeita a Cristo, que é a sua Cabeça (cf. Ef 23). Cristo sustenta a Igreja aqui na terra com seu Espírito. Por isso a Igreja é sacramento de Cristo e instrumento de salvação oferecido a todos. A Igreja é peregrina e é fortalecida pela força do Senhor ressuscitado, para revelar ao mundo o Mistério de Cristo, embora entre sombras, mas com a fidelidade, até a manifestação do Senhor. Daqui decorre a sua vocação ao acolhimento.

Segundo a *Lumen Gentium*, a Igreja é convocada e constituída por Deus, é sacramento visível de salvação. Participar da Igreja não é garantia de salvação. Todavia, é preciso corresponder por pensamentos, palavras e obras. O Espírito Santo é consumidor na obra salvífica de Deus e a Igreja é sua aliada, como foi Maria. "Pois pelo Espírito Santo é ela

---

<sup>117</sup> RATZINGER, Joseph. *O novo Povo de Deus*, p. 265.

<sup>118</sup> Ibidem, p. 263.



compelida a cooperar, para que efetivamente se cumpra o plano de Deus, que constitui Cristo como princípio de salvação para todo o mundo".<sup>119</sup>

A proposta do Concílio Vaticano II foi estabelecer uma relação mais forte e de proximidade entre a Igreja e o mundo. "O Deus dos cristãos, portanto, não é o Deus das alturas, mas o Deus presente no mundo. O reino de Deus, anunciado por Cristo, outra coisa não significa do que a ação de Deus neste e sobre este mundo".<sup>120</sup> A Igreja é objeto de fé dos cristãos que vivem no mundo. Ela recebeu dos Apóstolos esta missão: "Ide pelo mundo e evangelizai" (Mc 16, 15). Todos são chamados à santidade. Segundo as palavras do Apóstolo Paulo: "Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (Ef 1, 4). Não se trata, portanto, de um acolhimento e de hospitalidade vazia de conteúdo, mas hospitalidade que santifica.

Dentro da compreensão cristã sobre a fé compreende-se também a existência da Igreja. Não há como pensar a fé sem a Igreja, assim como não há como pensar a fé sem o Ressuscitado. "O que caracteriza a fé daquele que crê em Jesus não é simplesmente o *conhecimento* que se tem sobre Jesus. O específico da fé é a *convicção* livremente assumida".<sup>121</sup> O ser humano recebe a concretude de sua vida da comunidade dos homens e mulheres, da história, do povo, da família, das experiências de vida, no ambiente da comunidade de fé. O cristão é cristão a partir da raiz mais íntima da sua natureza divinizada. Ele alimenta a sua raiz divina "através da história concreta da salvação: através da confissão de fé dos cristãos, do culto dos cristãos, da vida da comunidade dos cristãos, e, para dizer brevemente, da Igreja".<sup>122</sup> A Igreja existe para ser sinal de salvação, uma evidência necessária para a existência cristã. Faz parte do seu cotidiano, este, que é fortalecido pelo acolhimento.

O Concílio Vaticano II abriu espaço para uma nova compreensão da Igreja. Assim comenta Rahner, um dos seus peritos.

A Igreja somos nós, nós homens miseráveis, primitivos e vis, todos juntos representamos a Igreja. Se a considerarmos, por assim dizer, como que desde fora, então não entenderemos que somos a Igreja e que no fundo estamos a contemplar nela apenas a nossa própria insuficiência. O cristão não só não tem o direito de ideologizar sua Igreja de maneira falsa. Tem também o dever, que lhe impõe sua fé, de reconhecer nessa Igreja concreta, miserável, historicamente ameaçada,

---

<sup>119</sup> *Lumen Gentium*, 17.

<sup>120</sup> RATZINGER, Josef. *O novo Povo de Deus*, p. 288.

<sup>121</sup> CASTILLO, José M. *Jesus. A humanização de Deus*, p. 30.

<sup>122</sup> RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*, p. 452.

historicamente falha e que historicamente veio se desenvolver de maneira errônea, a Igreja de Deus, a assembleia de Jesus Cristo.<sup>123</sup>

O cristão, pois, reconhece a Igreja como sua casa, o ambiente onde encontra o amor para com o próximo e é acolhido como filho de Deus. Ele faz a experiência do amor de Deus incondicional justamente na Igreja. Nós vivemos num mundo secular, e a Igreja está no mundo para ser sinal de salvação e de comunhão. "O próprio da Igreja precisamente consiste na libertação do homem e da existência humana para um esfera absoluta do próprio Deus como mistério, porque o cristão, na sua fé em Jesus Cristo crucificado, sabe que pela morte ele morre e vive na plenitude incompreensível e infinita do Deus santo".<sup>124</sup> O ser humano não foi criado para ser prisioneiro da instituição, mas, para ser livre em Jesus Cristo, o Redentor, que o libertou.

Hospitalidade é uma forma de amor. Deus é amor, e quem ama respeita e acolhe a liberdade do outro. "A grande verdade é que o Novo Testamento exige que o homem vença e ultrapasse a si mesmo. O Evangelho pede que o homem renuncie a si mesmo, lute contra o seu egoísmo e se aproxime sempre mais ao seu próximo".<sup>125</sup> Ninguém se torna cristão somente para si. Nos tornamos cristãos para os outros, em pro-existência. E quando isso acontece, se está cumprindo o mandamento do amor em sua plenitude. É uma atitude pessoal que está intimamente relacionada ao ambiente eclesial. A mudança acontece no interior do homem e da mulher, mas, reflete de forma direta na Igreja, que é formada e constituída pelo fiéis cristãos batizados em nome da Santíssima Trindade.

A Igreja é a comunidade dos *poucos* fiéis, mediante a qual, Deus quer salvar a *muitos* filhos e filhas. "A missão da Igreja é a de ser sempre *para*, pois ela é justamente a manifestação do amor divino e toda vez que os homens se ajudam mutuamente, este amor divino concretiza-se mais ainda".<sup>126</sup>

A Igreja tem a missão de comunicar o que lhe é dado pelo Senhor, e assim evangelizar, uma vez que, ela é a expressão da *hospitalidade divina* no mundo. Ela é uma

---

<sup>123</sup> Ibidem, p. 453.

<sup>124</sup> Ibidem, p. 464.

<sup>125</sup> RATZINGER, Josepf. *O novo Povo de Deus*, p. 327.

<sup>126</sup> Ibidem, p. 333.

instituição que visa promover o ministério do acolhimento na esfera humana voltada para a esfera divina.

### 3.3.2 O acolhimento e a transmissão da Palavra de Deus na Igreja

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, do Santo Padre o Papa Bento XVI, aprofunda a reflexão sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. A grande novidade desta Exortação é a valorização da Palavra de Deus como alimento na vida da Igreja. É Deus quem toma a iniciativa e se dá a conhecer como mistério de amor infinito e de Sua Palavra. Para compreender o outro, é preciso acolher o Verbo sob a ação do Espírito Santo. O Evangelista João afirma que "O Verbo estava junto de Deus, o Verbo era Deus e se fez carne" (Jo 1, 14). Jesus é o Verbo de Deus. Ele se fez consubstancial ao ser humano. Por isso, a expressão *Palavra de Deus* indica a pessoa de Jesus Cristo. No centro da revelação divina está o evento Cristo.

Na história da salvação, Deus comunicou a sua Palavra. Os Apóstolos anunciaram o Ressuscitado. A Palavra de Deus é transmitida na Tradição da Igreja. O ser humano, sendo criatura de Deus, obra prima de Suas mãos, através da Igreja, é chamado a se colocar a serviço da Palavra. Esse serviço vem com a promessa da salvação. O ser humano, sendo hospitaleiro, por obra do Espírito Santo que o habita acolhe a Palavra. Jesus nos deu a Nova Lei: a Lei do Amor. "A fé apostólica testemunha que a Palavra eterna Se fez Um de nós. A *Palavra divina* exprime-se verdadeiramente em *palavras humanas*".<sup>127</sup> Jesus é obediente ao Pai e comunica as coisas do Pai: "Dei-lhes as palavras que Tu Me deste" (Jo 17, 8). A missão de Jesus foi revelar o amor do Pai à humanidade.

A ação do Espírito Santo neste processo é muito importante. "A missão do Filho e a do Espírito Santo são inseparáveis e constituem uma única economia da salvação. O mesmo Espírito, que atua na encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria, guia Jesus ao longo de toda a sua missão e é prometido aos discípulos".<sup>128</sup> Jesus não abandona os discípulos. Envia o Espírito Santo de Deus para sustentar a Igreja no anúncio da Palavra de Deus.

---

<sup>127</sup> *Verbum Domini*, 11.

<sup>128</sup> *Ibidem*, 15.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, Bento XVI afirma que a Igreja acolhe a Palavra. Ela é uma "realidade que se define pelo acolhimento do Verbo de Deus, que, encarnando, colocou a *sua tenda entre nós* (cf. Jo 1, 14). Esta morada de Deus entre os homens - a *shekinah* (cf. Ex 26, 1), prefigurada no Antigo Testamento, realiza-se agora com a presença definitiva de Deus no meio dos homens em Cristo".<sup>129</sup> É Deus que se faz presença no meio do povo. A Igreja é *casa da Palavra*: acolhe e é alimentada e oferece hospitalidade, além da Eucaristia, pela Palavra de Deus. São as duas mesas que compõem a Sagrada Liturgia: a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia. A Palavra de Deus está presente na Igreja e na vida do povo. É Deus quem fala através dos seus ministros e fiéis batizados. "Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo" (Mt 28, 20).

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a revelação divina, afirma:

Aprove a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (cf. Ef 1, 9), pelo qual os homens, por intermédio de Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2, 18; 2 Ped 1, 4). Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível (cf. Col 1, 15; 1Tim 1, 17), levado por Seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15), e com eles se entretém (cf. Bar 3, 38) para os convidar à comunhão consigo e nela os receber.<sup>130</sup>

Deus revelou-se à humanidade através do seu Filho Jesus Cristo. A Igreja tem a missão de manter viva a pregação que os Apóstolos receberam por missão, através do anúncio e do ensinamento<sup>131</sup> da Palavra de Deus e da vivência da Eucaristia.

Quando a Palavra de Deus é proclamada na Igreja é o próprio Cristo que fala, isto é, Ele está presente na Palavra proclamada, anunciada e vivenciada. Por isso, a Sagrada Escritura permanece viva e eficaz na vida da Igreja, pela ação do Espírito Santo, através dos

---

<sup>129</sup> Ibidem, 50.

<sup>130</sup> *Dei Verbum*, 2.

<sup>131</sup> "O ensinamento dos Santos Padres testemunha a presença vivificante dessa Tradição, cujas riquezas se transfundem na praxe e na vida da Igreja crente e orante. Pela mesma Tradição torna-se conhecido à Igreja o Cânon completo dos livros sagrados e as próprias Sagradas Escrituras são nela cada vez mais profundamente compreendidas e se fazem sem cessar atuantes; e assim o Deus que outrora falou mantém um permanente diálogo com a esposa de seu dileto Filho, e o Espírito Santo, pelo qual a voz viva do Evangelho ressoa na Igreja através dela no mundo, leva os crentes à verdade toda e faz habitar neles abundantemente a palavra de Cristo (cf. Col 2, 16)" (Ibidem, 8).

Sacramentos. Na Sagrada Liturgia a Palavra de Deus encontra um lugar privilegiado: na proclamação, na escuta e na celebração da Palavra. Segundo o mistério hermenêutico da hospitalidade, é especialmente na Sagrada Liturgia e na Iniciação Cristã que acontece o encontro hospitaleiro com Jesus Cristo que nos convida a segui-Lo.

A missão da Igreja como *casa da Palavra* é anunciar a Palavra de Deus ao mundo. Quem é a Palavra? Mais uma vez "Jesus Cristo é esta Palavra definitiva e eficaz que saiu do Pai e voltou a Ele, realizando perfeitamente no mundo a sua vontade".<sup>132</sup> A Igreja é missionária e profética: anuncia e denuncia em nome de Cristo. Não pode guardar para si as palavras que recebeu do Senhor, pois são palavras de vida eterna voltada para todos os homens e mulheres de todos os tempos. A experiência de hospitalidade da Palavra que é Cristo torna a Igreja casa da hospitalidade oferecendo a Palavra de Cristo.

A Igreja é *casa da Palavra*, hospeda e a anuncia ao mundo. Por isso, é relevante que a Igreja se conscientize do seu compromisso social humanitário. "Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era peregrino e me acolhestes, estava nu e me destes de vestir, adoeci e me visitastes, estive na prisão e fostes me visitar" (M 25, 35-36). A própria Palavra de Deus nos recorda a necessidade de justiça, de partilha, e a nossa responsabilidade social no mundo. "Deste modo o amor ao próximo, radicado no amor de Deus, deve ser o nosso compromisso constante como indivíduos e como comunidade eclesial local e universal".<sup>133</sup> O amor gera acolhimento e realiza a Igreja como *casa da hospitalidade*.

### 3.3.3 A alegria do Evangelho na casa da hospitalidade cristã

O Papa Francisco afirma que "a crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criamos novos ídolos."<sup>134</sup> As pessoas se tornam escravas da "hospitalidade do mercado". São objetos do mercado. Sentem a necessidade de viver o consumismo desenfreado. A economia gera uma tirania invisível: ambição do poder. O dinheiro governa e se distancia da ética. Quando respeita-se a ética, cria-se um equilíbrio na ordem social. A

---

<sup>132</sup> Ibidem, 90.

<sup>133</sup> Ibidem, 103.

<sup>134</sup> *Evangelii Gaudium*, 55.

desigualdade social é fruto do afastamento e do não cumprimento da ética. A desigualdade financeira gera falta de oportunidade, que por sua vez, provoca a reação violenta daqueles que são excluídos do sistema.

A sociedade moderna vive um processo de secularização, onde a tendência é reduzir a fé e a Igreja a objeto de consumo. O transcendente é negado e o relativismo ganha força e forma. Estamos vivendo um tempo onde a superficialidade das relações com Deus e com as pessoas assombra nossa sociedade. Por isso, se faz necessária uma hospitalidade do encontro, do acolhimento, da ética e da moral. Educar para pensar criticamente as questões atuais referentes a secularização. Quando falamos em cultura dominante, estamos falando do imediatismo, do exterior, do superficial e do provisório. Não é algo concreto e solidificado, mas, uma cultura interesseira. Na hospitalidade acontece a troca de dons. Na cultura do mercado não há troca de dons, todavia, interesses financeiros. Ao contrário, a hospitalidade é gratuita e não gera lucros, pois não espera retorno, uma vez que, é dom gratuito e fruto de uma necessidade antropológica.

Outra instituição afetada pela crise do compromisso social é a família.

A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula base da sociedade, o espaço em que se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e no qual os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimônio tende a ser visto como mera forma de gratificação afetiva, que se ode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Todavia, a contribuição indispensável do matrimônio à sociedade supera o nível da afetividade e o das necessidades ocasionais do casal.<sup>135</sup>

A casa da família é o primeiro ambiente de hospitalidade. Quando a família é afetada pela crise cultural, este ambiente se torna frágil e perde o seu referencial. Falta um espaço de diálogo e acolhimento na família. A Igreja pode favorecer o diálogo e o fortalecimento dos vínculos familiares, criar ambiente onde as pessoas sintam-se acolhidos e fortalecidos na fé, na comunhão e na pertença à Igreja.

---

<sup>135</sup> *Evangelii Gaudium*, 66.

Nos grandes centros urbanos, a Igreja é chamada a dialogar com o diferente, respeitando a opção religiosa de cada indivíduo. "A proclamação do Evangelho será uma base para restabelecer a dignidade da vida humana nestes contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. Jo 10, 10)".<sup>136</sup> Se deixar pautar a vida pelo Evangelho é o projeto a ser seguido pelo cristão. O seguimento do Evangelho nos impele a ser missionários, promovendo uma Igreja em saída. O acolhimento e a hospitalidade são propostas relevantes no ambiente eclesial quando a Igreja se propõe a ser uma Igreja "em saída". O Papa Francisco insiste em que "não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!".<sup>137</sup> Ninguém nos poderá tirar a alegria do Evangelho (cf. Jo 16, 22). A proposta do Evangelho não é de fechamento em si mesmo, mas de abertura, de acolhimento, de compreensão e de misericórdia.

Outra questão pertinente no contexto da crise do compromisso comunitário é o isolamento. A religião que tem o segundo mandamento igual ao primeiro é um caminho que leva ao encontro com Deus e com o outro. A Igreja gera encontro de hospitalidade. As relações humanas estão superficiais, isto é, não criam vínculos duradouros. A tendência é esconder-se e livrar-se dos outros. O cristão descobre no rosto dos outros o rosto de Jesus Cristo. Através do testemunho de fé, o cristão vive assim a experiência do acolhimento.

A proposta de Jesus aos seus discípulos, e a nós, filhos e filhas de Deus, é a experiência do amor recíproco. "Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 35). O amor gera hospitalidade e cuidado, pois sensibiliza-se com a necessidade do outro e oferece proteção e abrigo. O amor é um caminho proposto para vencer a tentação do individualismo e superar a crise do compromisso comunitário. No terceiro capítulo, abordamos as perspectivas para a ação pastoral, seguindo a proposta mariana da Igreja maternal como *casa da hospitalidade cristã*.

---

<sup>136</sup> Ibidem, 75.

<sup>137</sup> Ibidem, 83.

## 4 PERSPECTIVAS PARA A AÇÃO PASTORAL NA VIDA DA IGREJA

Neste capítulo vamos tratar da pastoral da acolhida na vida da Igreja, vista como casa da hospitalidade cristã. Tomamos como exemplo desta ação Maria, que na vida da Igreja é Discípula de Cristo e nos convida a seguir o seu Filho, através da experiência vivencial da hospitalidade cristã e da prática do acolhimento materno.

### 4.1 A HOSPITALIDADE NO EXERCÍCIO DA MATERNIDADE MARIANA DA IGREJA

A Igreja é em sua essência materna, gerando e nutrindo na fé os seus filhos e filhas. A presença de Maria como figura da Igreja tem grande importância para a vivência da hospitalidade, do cuidado e do acolhimento. A Igreja acolhe e cuida dos seus filhos e filhas de forma maternal. A sensibilidade da mãe gera acolhimento, ou seja, etimologicamente ela acolhe, "dá colo", nutre em seu seio. Vejamos a imagem da igreja como *casa materna* e sua relação com Maria a mãe de Deus.

#### 4.1.1 Maria, a figura da Igreja como seio de hospitalidade

A presença materna de Maria<sup>138</sup> na vida da Igreja revela o amor de Deus pelos seus filhos e filhas através da jovem mãe, que acolheu o Espírito de Deus em sua vida. "Pois a Virgem Maria, que na Anunciação do Anjo recebeu o Verbo de Deus no coração e no corpo e trouxe ao mundo a Vida. É reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor".<sup>139</sup> Esta é a verdade de fé que coloca Maria no Mistério da Salvação: ser Mãe do

---

<sup>138</sup> "A figura de Maria de Nazaré aparece no cânone neotestamentário somente nas porções dos Evangelhos e na narrativa lucana, nos moldes dos Evangelhos em At 1, 12-14. Chama especial atenção o fato de os textos paulinos mais antigos não revelarem interesse numa reflexão mariológica. Somente em Gl 4, 4 se menciona que o Filho enviado por Deus "é nascido de mulher". Em conexão com o enunciado seguinte, de que o Filho esteve "sujeito à lei", essa fórmula, provavelmente pré-paulina, quer expressar a humanidade do Redentor: Jesus é verdadeiro homem, como todos os seres humanos, ele é nascido de mulher" (MÜLLER, Alois; SATTler, Dorothea. *Mariologia*. In: SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática*, vol. II, p. 145).

<sup>139</sup> *Lumen Gentium*, 53.



Filho de Deus. "Maria é apresentada como o ser humano que alcançou a plenitude na doação de si a Deus, pois é mãe de um homem que é verdadeiramente Deus. Ela se coloca no ponto de intersecção entre Deus e o ser humano".<sup>140</sup> Maria, mulher simples, acolheu o dom de Deus em sua vida: ser Mãe do Filho de Deus (cf. Lc 1, 32).<sup>141</sup> Temos uma Mãe, mas tudo passa por Cristo, seu Filho. O Concílio Vaticano II quis mostrar a importância da Mãe de Deus na Igreja ao tratar de Maria no fechamento da *Lumen Gentium*, mãe de Deus, mãe de Cristo e mãe da humanidade. O dogma ressalta Maria como Mãe de Deus, isto é, *Theotokos*.<sup>142</sup> Ela intercede pelo povo junto ao seu Filho Jesus Cristo, favorecendo o êxito dos pedidos e necessidades decorrentes da situação econômica e social.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, destaca a presença de Maria na vida pública do Seu Filho, Jesus Cristo, que elevou os homens e mulheres à participação da vida divina.

Na vida pública de Jesus Sua Mãe aparece significativamente. Já no começo, quando, para as núpcias em Caná da Galiléia, movida de misericórdia, conseguiu por sua intercessão o início dos sinais de Jesus, o Messias (cf. Jo 2, 1-11). No decurso da pregação de seu Filho ela recebeu as palavras pelas quais, exaltando o Reino acima de raças e vínculos de carne e sangue, Ele proclamou bem-aventurados os que ouvem e guardam a palavra de Deus (cf. Mc 3, 35 e Lc 11, 27-28), tal como ela mesma fielmente o fazia (cf. Lc 2, 19 e 51).<sup>143</sup>

Maria caminhou com Jesus e foi discípula do Seu Filho. Assim também a Igreja: a Igreja é mãe e discípula. "O papel de Maria para com a Igreja é inseparável de sua união com

<sup>140</sup> TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres. Releitura dos dogmas marianos*, p. 23.

<sup>141</sup> "Conhecido Jesus, e reconhecido como Messias, como Filho de Deus, a figura de Maria, sua maternidade, o fato de gerá-lo e dá-lo à luz, reveste-se de transcendência. Tudo em Maria adquire um novo significado. A transcendência da maternidade de Maria se expressa no fato de ter gerado um homem que é Deus, por isso é *Theotokos*. A teologia cristã, porém, começa com a cristologia, com a simples identificação de Jesus de Nazaré com o Messias (cf. Mc 8, 29). Continua a afirmação de fé: Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. A afirmação simultânea do divino e do humano em Jesus implica entender sua origem divina e humana de forma coerente. A afirmação mais antiga do NT, de que Jesus Cristo foi "nascido de mulher" (cf. Gl 4, 4-5), fez necessário que a cristologia se ocupasse também da Mãe de Jesus" (Ibidem, p. 24).

<sup>142</sup> "A *Theotokos* pode exercer um notável influxo sobre as próprias estruturas eclesiais, tornando mais carismático e flexível o exercício do ministério e libertando-o de todo despotismo e clericalismo. Ela é a figura por excelência da Igreja, o que é preciso observar desde a radicalidade implicada na análise do poder e do serviço. Ela pode nos ajudar e mudar a estrutura patriarcal da Igreja e convertê-la numa comunidade de homens e mulheres que trabalham juntos, ajudam-se e libertam-se dos estereótipos próprios de cada sexo, para chegarem juntos à vocação única de formar o Povo de Deus" (Ibidem, p. 74).

<sup>143</sup> *Lumen Gentium*, 58.

Cristo, decorrendo diretamente dela".<sup>144</sup> A Igreja aprende com Maria a ser discípula fiel. "O concílio relê o mistério da *Theotokos* fundamentalmente pelo significado que essa maternidade dá à salvação humana como um todo".<sup>145</sup> Na casa de Maria acontece a hospitalidade, isto é, Maria acolhe o dom de Deus em sua vida: será a mãe de Deus.<sup>146</sup> O cristianismo acolhe duas crenças fundamentais relativas à pessoa de Maria: a maternidade divina e a concepção virginal de Jesus. Tais crenças são declaradas de forma clara nos evangelhos. A relação de Maria com Cristo é maternal. Todavia, em alguns momentos, parece haver um distanciamento da parte de Jesus com sua mãe. Na relação entre mãe e filho não há compreensão de que o mesmo se dirija a sua mãe como "mulher". Vamos aprofundar essa relação de Jesus com sua mãe e entender o significado da palavra "mulher".

Em geral, a relação de Jesus com Maria não é diferente da relação de qualquer filho com sua mãe. Mas não se pode negar que, em Mt 12, 49s; Mc 3, 34s; Lc 2, 49; 8, 21; Jo 2, 4, as palavras que Jesus dirige a Maria ou o seu modo de mencioná-la expressam um afastamento maior do que aquele geralmente existente entre um filho adulto e sua mãe. O título de "mulher" com o qual Jesus se dirige a Maria (Jo 2, 4; 19, 25) não encontra paralelos na literatura grega como comportamento de um filho em relação à sua mãe.<sup>147</sup>

Jesus tem a missão de revelar o projeto de amor do Pai à humanidade e pregar o Reino de Deus. Está focado neste mandato que recebeu do Pai. Maria é um instrumento nas mãos de Deus. Por que Jesus chama Maria de "mulher" e não de "mãe"? Maria é mãe, mas é também mulher. A aparente dureza de Jesus com sua mãe tem suas razões. Maria vive duas realidades em relação a Jesus: Ele é Deus e é também homem. Sendo Deus, Ele é Senhor de Maria. Mas, sendo homem, Ele é filho de Maria, gerado pelo Espírito Santo. Sendo assim, Jesus homem, tem somente uma Mãe, a Virgem Maria. Ela é serva do Senhor e Mãe de Deus, isto é, serva do seu Filho. Jesus ao chamar Maria de "mulher" não está desprezando-a, mas nos chama a atenção pelo fato de que Ele é Deus e Maria é mulher, criatura e filha de Deus. Portanto,

<sup>144</sup> Catecismo da Igreja Católica, 964.

<sup>145</sup> TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres. Releitura dos dogmas marianos*, p. 49.

<sup>146</sup> "Pode-se dizer que Maria é "mãe de Deus" mais do que simplesmente "mãe de Cristo"? Cirilo de Alexandria defende o título de *theotokos* contra Nestório. Por detrás da palavra, duas cristologias se confrontam. (...). A partir de Éfeso, o título *theotokos* é enaltecido e torna-se frequente na homilética" (LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de Teologia*, p. 1095).

<sup>147</sup> MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*, p. 586.

Maria é mãe da humanidade de Jesus. Os milagres que Jesus realizou são graças a sua divindade, como por exemplo nas Bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-12)<sup>148</sup>. Jesus é o Filho de Maria em sua humanidade e Senhor de Maria em sua divindade. Assim, compreendemos a razão pela qual Jesus chama a Sua mãe de mulher<sup>149</sup>. Quando Jesus chama Maria de "mulher", não está depreciando ou agindo de forma indiferente à sua mãe, mas está demonstrando e reconhecendo a máxima dignidade histórica de Maria.

A Igreja é *casa materna*, pois acolhe os seus filhos e cuida deles para que não falte o necessário em suas vidas no sentido espiritual e social. Não podemos falar de Deus para alguém que está com fome. É preciso saciar a fome física para depois saciar a fome espiritual.

Jesus não só fala de um Deus bom, próximo e acolhedor, sempre disposto a perdoar e a oferecer a todos uma vida digna e feliz, mas Ele próprio é uma parábola viva deste Deus. Movido por seu Espírito, Ele é o primeiro a aproximar-se de pecadores e pessoas indesejáveis, a interessar-se por sua vida e a sentar-se à mesa com eles. Os evangelhos falam de diversos grupos que Jesus acolhia amistosamente. Em primeiro lugar estão os "pecadores": são os que não cumprem a lei, rejeitam a Aliança e vivem longe de Deus, sem dar sinais de arrependimento; os dirigentes religiosos os consideram excluídos da salvação.<sup>150</sup>

O que mais surpreende e escandaliza as autoridades dos judeus é que Jesus andava na companhia de gente pecadora e pouco respeitada no seu tempo, além disso, sentava à mesa para fazer refeições com eles. Maria, sua mãe, também era humilde e de vida simples. Jesus acolheu os humildes e descartados pela sociedade excludente da época. É importante ressaltar que Maria é a anfitriã que acolhe o dom que o hóspede traz.

---

<sup>148</sup> "Em síntese, a mariologia de João apresenta a Mãe de Jesus como: 1) a mediadora da fé (em Caná); 2) a mãe da Comunidade de fé (aos pés da cruz); 3) a "Mulher", símbolo da Igreja, da Nova Humanidade e mesmo do Cosmos glorificado (Ap 12). O evangelho de João só traz dois textos diretamente referentes a Maria. Se tomarmos, porém, o corpo joaneu por inteiro, veremos que existe ainda um terceiro grande texto evocando Maria: Ap 12: A "Mulher vestida de sol" (BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*, p. 70).

<sup>149</sup> "De fato, "Mulher" é um símbolo é um símbolo portador de vários sentidos, entre os quais sobressai o de *Nova Eva*. O Gn 3, 20 chama Eva ao mesmo tempo de "Mulher" e de "Mãe" por excelência. É a "mulher protológica", sendo a Mulher de Ap 12, 1-8 a "mulher escatológica". Maria personifica as duas, como a primeira e a última Mulher da história" (Ibidem, p. 74).

<sup>150</sup> PAGOLA, José Antonio. *Grupos de Jesus*, p. 110.

#### 4.1.2 Hospitalidade na casa de Maria: Deus visita a sua Filha (Lc 1, 26-38)

Maria acolheu a vontade salvífica de Deus em sua vida através da Encarnação do Verbo Divino. Ela é cooperadora do projeto de salvação de Deus para com a humanidade inteira. "A aparição do anjo ocorreu quando Maria ainda morava com os seus pais, antes de ir viver com José. Assim como o pecado veio ao mundo por uma livre decisão de Adão, assim Deus quis que a livre decisão de Maria trouxesse ao mundo a salvação".<sup>151</sup> Deus é quem toma a iniciativa na vida de Maria.

No Evangelho de Lucas, o texto apresenta a resposta de Maria<sup>152</sup>. A concepção será obra de Deus, através do Espírito Santo. Maria irá "hospedar" o Espírito em sua vida, como a tenda que acolhe a *Shekináh*, gerando o Filho de Deus. "Essa força divina, fonte de vida e de palavra, sobrevém, pois, em Maria, como um poder fecundador e santificador pelo qual nascerá de sua carne um filho santo e consagrado a Deus, que "será chamado Filho de Deus" *porque ele* (...) foi gerado dessa maneira".<sup>153</sup> O Anjo anuncia a Maria que ela será a mãe do Filho de Deus (cf. Lc 1, 31). A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, ressalta a relação de Deus Pai com Maria, a mãe do Seu Filho, Jesus Cristo.

Quis, porém, o Pai das misericórdias que a encarnação fosse precedida pela aceitação daquela que era predestinada ser Mãe de seu Filho, para que assim como a mulher contribuiu para a morte, a mulher também contribuísse para a vida. O que de modo excelentíssimo vale da Mãe de Jesus, a qual deu ao mundo a própria Vida que tudo renova e foi por Deus enriquecida com dons dignos para tamanha função. Daí não admira que nos Santos Padres prevalecesse o costume de chamar a Mãe de Deus toda santa, imune de toda mancha do pecado, como que plasmada pelo Espírito Santo e formada nova criatura. Dotada desde o primeiro instante de sua conceição dos esplendores de uma santidade inteiramente singular, a Virgem de Nazaré é por ordem de Deus saudada pelo Anjo anunciados como "cheia de graça" (cf. Lc 1, 28). E ela mesma responde ao mensageiro celeste: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se

<sup>151</sup> TRESE, Leo J. *A fé explicada*, p. 70.

<sup>152</sup> "Em Lucas, é a figura de Maria que é posta em evidência. Limitada pelas sombras do passado, cercada de figuras do passado, Isabel e Zacarias, Ana e Simeão, posta no centro de profecias que se cumprem, e de outras que começam a se cumprir, Maria assume um personagem ampliado nas dimensões da história que vem se realizar e ressurgir por meio dela. Nas palavras que pronuncia, ela se mostra a um só tempo memória do passado de seu povo, abertura para o futuro mais distante e aceitação do presente, por mais perturbador e importuno que seja (Lc 1, 55.48.38). Ela, que não quer ser mais a serva do Senhor, aparece escolhida, eleita, formada e preparada por Deus e para ele, desde sempre, assim como é anunciado sobre o Servo de Iahweh, assim como lhe declara o anjo: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo, (...) encontraste graça junto de Deus" (Lc 1, 28.30)" (MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 560).

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 550-551.

em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38). Assim Maria, filha de Adão, consentindo na palavra divina, se fez Mãe de Jesus.<sup>154</sup>

"O *sim* de Maria a Deus nasce do exercício de sua liberdade, fruto de um discernimento e uma acolhida consciente a partir da fé. Sua maternidade é consequência de um consentimento. Deus não invadiu a sua vida, dispensando-a de uma livre decisão (cf. Lc 1, 44)".<sup>155</sup> Maria concebeu o Filho de Deus porque acreditou na promessa. A maternidade de Maria será obra do Espírito.

O anjo Gabriel aparece agora não a pais idosos, desesperados por um filho, mas a uma virgem, totalmente surpreendida pela ideia da concepção. A concepção não se realizará por geração humana, mas pelo Espírito criador de Deus, que cobrirá a virgem com sua sombra, o Espírito que trouxe o mundo à existência (Gn 1, 2; Sl 104, 30). A criança que vai nascer é objeto de uma dupla proclamação angélica. Em primeiro lugar, as expectativas de Israel tornar-se-ão realidade, pois a criança será o Messias davídico. (...). Em segundo lugar, a criança ultrapassará tais esperanças, pois será o único Filho de Deus, revestido do poder do Espírito Santo. (...). A resposta de Maria - "Faça-se em mim segundo a tua palavra!" (Lc 1, 38) - conforma-se ao critério evangélico para pertencer à família do discipulado (Lc 8, 21).<sup>156</sup>

Nascido de mulher, Jesus nasce homem<sup>157</sup>. Pois, sendo concebido pela ação do Espírito nascerá consagrado, divino, santo de Deus. Não é um fato isolado, todavia, se é mãe para sempre. O *sim* de Maria se dá de forma pessoal: "Disse, então, Maria: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!" e o Anjo a deixou" (Lc 1, 38). Maria acolheu o dom de Deus na sua vida e gerou no seu ventre o seu Filho e Filho de Deus. Acompanhou Jesus: alimentou, cuidou, educou e foi discípula fiel do seu Filho. "Maria é mãe de Deus à medida que Deus se encarnou. Deus é concebido e gerado à medida que encarnado. O conceito correto de união hipostática permite chamar Maria mãe verdadeira do homem Jesus, que desde o princípio é Deus".<sup>158</sup> Quando falamos de hospitalidade, estamos falando de

<sup>154</sup> *Lumen Gentium*, 56.

<sup>155</sup> TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres. Releitura dos dogmas marianos*, p. 51.

<sup>156</sup> BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 332.

<sup>157</sup> "Que Jesus seja homem e que seja tal indivíduo, o Filho de Maria, é um ponto que não reclama um ato de fé, pois é uma certeza histórica. Todavia, à fé importa afirmar que ele é "verdadeiro" homem, para afastar, dialeticamente, a ideia de que sua origem divina o "impediria" de se "fazer homem" como nós" (MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*, p. 549).

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 52.

liberdade. O hóspede não invade a casa do anfitrião. Pelo contrário, ele é convidado a entrar e cear juntos. O anfitrião oferece proteção e aconchego fraterno em sua casa. Maria é um exemplo de hospitalidade. A Igreja se espelha em Maria, a mãe de Jesus. O Documento de Aparecida ressalta a relação de Maria com Deus e com a Igreja.

Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar seu Verbo ao mundo para a salvação humana, com sua fé Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte, emerge do Evangelho conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo. Ela viveu completamente toda a peregrinação da fé como mãe de Cristo e depois dos discípulos, sem estar livre da incompreensão e da busca constante do projeto do Pai. Alcançou, dessa forma, o fato de estar ao pé da cruz em comunhão profunda, para entrar plenamente no mistério da Aliança.<sup>159</sup>

Maria viveu sua vida de forma discreta: escutava e conservava tudo em seu coração (cf. Lc 2, 41-51). A Virgem de Nazaré acompanhou e educou o seu Filho. "Na vida pública de Jesus, Sua Mãe aparece significativamente. Já no começo, quando, para as núpcias em Caná da Galiléia, movida pela misericórdia, conseguiu por sua intercessão o início dos sinais de Jesus, o Messias (cf. Jo 2, 1-11)".<sup>160</sup> Maria participou da vida do seu filho, desde a Encarnação do Verbo até a Paixão e Ressurreição de Jesus Cristo. Ela foi uma verdadeira anfitriã: acolheu e fez todo o esforço para que o hóspede fosse protegido. O exercício da hospitalidade é uma virtude. Em Maria encontramos, entre tantas, tal virtude, que por sua vez, deve ser imitada e seguida pelos cristãos. A Virgem Maria já alcançou a graça de ser Imaculada (cf. Ef 5, 27), todavia, os cristãos de todo tempo "ainda se esforçam para crescer em santidade vencendo o pecado. Por isso elevam seus olhos a Maria que refulge para toda a comunidade dos eleitos como exemplo de virtudes".<sup>161</sup> Ela é exemplo de acolhimento. Por isso, falar de Maria, é falar da cooperação na obra de Deus, Mãe de Deus, Maria nos ensina a sermos colaboradores através da imitação das suas virtudes, em especial, da hospitalidade. "Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão. Um dos eventos fundamentais da Igreja é quando o "sim" brotou de Maria".<sup>162</sup> Esta visão da

---

<sup>159</sup> Documento de Aparecida, 266.

<sup>160</sup> *Lumen Gentium*, 58.

<sup>161</sup> *Ibidem*, 65.

<sup>162</sup> Documento de Aparecida, 268.

Igreja como *casa materna* é um grande avanço contra a lógica do individualismo, do funcionalismo e da burocratização.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, destaca a presença de Maria na Igreja como a Mãe da Evangelização através da entrega aos pés da cruz.

Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai Lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: "Mulher, eis o teu filho!". E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: "Eis tua mãe!" (Jo 19, 26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação por sua Mãe, mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério de uma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isso é que Jesus pôde sentir que "tudo se consumara" (Jo 19, 28). Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo nos conduz a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe; e, nesta imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho. Não é do agrado do Senhor que falte à Sua Igreja o ícone feminino. Ela, que O gerou com tanta fé, também acompanha "o resto da sua descendência, isto é, os que observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus" (Ap 12, 17).<sup>163</sup>

Maria, ao pé da cruz, recebe a missão de seu Filho como Mãe dos Discípulos e da humanidade. "Com o "Eis aí o teu filho", Jesus, da cátedra da cruz, *revela e constitui* ao mesmo tempo sua Mãe como Mãe dos Discípulos. No ponto de vista mais alto do *dramma salutis*, na "hora" suprema da glória, Cristo faz a apresentação solene da verdadeira identidade Maria".<sup>164</sup>

Em João acontece a cena da entrega: "Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo a mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à Mãe: "Mulher, eis teu filho!" Depois disse ao discípulo: "Eis tua mãe!" E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa" (19, 25-27). Esta passagem da presença de Maria junto ao seu Filho, significa fidelidade.

Esta presença significa fidelidade. A mãe, que representa, como em Caná (2, 1.3.5; cf. 2, 12), o Israel que espera o cumprimento das promessas, demonstra sua fidelidade precisamente acompanhando Jesus em sua morte. Ela reconheceu o Messias e, ao dizer aos serventes que fizessem tudo o que lhes dissesse, mostrava

<sup>163</sup> *Evangelii Gaudium*, 285.

<sup>164</sup> BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*, p. 84.

aceitar desde o princípio todo o programa de Jesus, que o levou a ser condenado à morte. Neste momento, quando ela sozinha, no meio da rejeição da parte do povo (12, 34-40), aceita um Messias que invalidou a concepção do rei terreno, será acolhida na comunidade messiânica. Sua designação, "a de Cléofas", pode ser o seu patronímico.<sup>165</sup>

Com seu cuidado maternal, Maria é figura de esperança para os povos sofridos. Sendo Ela missionária de seu Filho, aproxima-se de nós como uma genuína anfitriã. Ela é mulher de fé e nos convida a viver a fé alicerçada na pessoa do seu Filho. Maria acolheu a Palavra de Deus em sua casa. "Cria comunhão e educa para um estilo de vida compartilhada e solidária, em fraternidade, na atenção e acolhida do outro, especialmente se é pobre e necessitado".<sup>166</sup> Maria nos ensina a escutar os anseios, alegrias e tristezas, dos filhos e filhas de Deus, oferecendo proteção e atendendo as reais necessidades de forma gratuita, contribuindo para que a Igreja seja uma *casa materna*. Neste sentido, a Igreja deve olhar para Maria sua representante. "Ela é como que a estrela d'alva da nova criação que, no meio da noite do mundo, anuncia a nova manhã e faz brilhar em nós toda a beleza da sabedoria de Deus que se manifestou em Jesus Cristo. Ela é a prefiguração mais perfeita da igreja como casa da sabedoria".<sup>167</sup>

#### 4.1.3 A hospitalidade na casa de Isabel: o encontro maternal (Lc 1, 39-45)

A visita<sup>168</sup> de Maria à sua prima Isabel revela o dom de Deus que vai ao encontro de quem necessita da hospitalidade e do acolhimento através do serviço e da disponibilidade. Maria é Bem-aventurada, Mãe de Deus, mas também, está atenta às necessidades reais da sua prima Isabel. Ela se mostra zelosa e cuidadosa com Isabel que recebeu o dom da maternidade de Deus, mesmo em sua velhice, pois para Deus nada é impossível.<sup>169</sup>

<sup>165</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, p. 783.

<sup>166</sup> Documento de Aparecida, 272.

<sup>167</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 202.

<sup>168</sup> "Embora alguns cheguem a classificar a visitação (Lc 1, 39-45) (...), a cena pode ser vista como um epílogo da anunciação a Maria, pois ela está cumprindo, sem delongas, a primeira tarefa do discipulado: partilhar o evangelho com outros" (BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 332).

<sup>169</sup> "Na perícopé da visita que *Maria faz a Isabel* (muitas vezes ainda denominada de "visitação") se relata que Isabel reconhece em Maria "a mãe do Senhor" e que ela glorifica a fé salvífica de Maria, e se reconhecem essas confissões como agir do Espírito Divino (Lc 1, 41). A preocupação constante da narrativa sobre a infância de



"Maria, levantando-se com pressa para visitar Isabel, é saudada como bem-aventurada por causa de sua fé na salvação prometida e o precursor exultou no seio da mãe (cf. Lc 1, 41-45)".<sup>170</sup> A Mãe do Senhor visita aquela que carrega consigo o precursor<sup>171</sup>, João Batista, que vai preparar os caminhos para o anúncio da salvação. "A mãe de Deus é a serva do Senhor, que põe sua maternidade à disposição da salvação do povo (cf. LG 56)".<sup>172</sup> Esta é uma dimensão que o Concílio Vaticano II redescobriu: a relação da maternidade de Maria, o serviço prestado à humanidade, com a Igreja. Isabel acolhe Maria em sua casa. É o encontro do Antigo Testamento com o Novo Testamento.

Maria sai apressadamente para visitar a sua prima Isabel, acolhendo as exigências da Palavra de Deus. "Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá" (Lc 1, 39-40). O encontro dos dois Testamentos, o Antigo em Isabel e o Novo em Maria, vem realizar e completar o que o povo esperava, a libertação de Israel.

No encontro entre as duas mães a criança estremeceu no ventre de Isabel e ela ficou cheia do Espírito Santo (cf. Lc 1, 41-44). "Com um grande grito, exclamou: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre!" (Lc 1, 42). Reconheceu Maria como a Mãe do Salvador e o filho que carrega consigo como Filho de Deus. "Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido" (Lc 1, 45). Isabel acolhe Maria em sua casa e é o próprio Deus que entra na casa de Isabel e Zacarias, através da Virgem Maria.

O rito da hospitalidade envolvendo Isabel e Maria se dá na frente da casa. A alegria de receber a Mãe do Senhor é tão grande, que não se conteve em ficar acomodada dentro da casa, mas saiu ao encontro de Maria, a Bem-aventurada hóspede. A anfitriã que hospeda em sua casa a Mãe que se coloca a serviço. No ritual da hospitalidade, quem serve é o anfitrião. Nesse caso, quem se colocou a serviço foi a hóspede.

---

Jesus é testemunhar a presença e a atuação do Espírito. Maria responde à saudação de Isabel no chamado *Magnificat* (Lc 1, 46-55). Com esse canto, constituído em grande parte de citações do Antigo Testamento (cf. esp. 1Sm 2, 1-10), Lucas também persegue uma intenção mariológica: ele põe na boca de Maria as esperanças dos "pobres de Javé", que também são o conteúdo básico de seu Evangelho, e, desse modo, caracteriza a Maria não somente como pessoa crente, mas como primeira evangelista, visto que seu canto se refere, quanto ao conteúdo, à vinda do Messias" (MÜLLER, Alois; SATTLER, Dorothea. *Mariologia*. In. SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática*, vol. II, p. 148-149).

<sup>170</sup> *Lumen Gentium*, 57.

<sup>171</sup> "João Batista, no ventre da mãe, começa seu papel de despertar o povo para a vinda do Messias (cf. Lc 3, 15-16), e a reação de Isabel, bendizendo Maria como a mãe cujo ventre dá à luz o Messias, e a seguir, como aquela que acreditou na palavra do Senhor, antecipa as prioridades de Jesus em Lc 11, 27-28" (BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 335).

<sup>172</sup> TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres. Releitura dos dogmas marianos*, p. 49.

"Maria representa com perfeição o povo de Deus tanto do Antigo como do Novo Testamento. Ela representa o povo de Deus enquanto serva humilde, que atende sem reservas o chamado de Deus e se coloca totalmente à sua disposição. Ela é inteiramente ouvinte e obediente da palavra".<sup>173</sup> Enfim, o encontro das duas mulheres mães é também o encontro dos dois filhos, que mesmo no útero de suas mães, carregam consigo o dom de Deus. Esta estrutura narrativa de visita hospitalidade, inversão de papéis, é um modelo para a Igreja.

#### 4.2 A IGREJA E O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

A missão da Igreja é anunciar o Reino de Deus, onde todos são chamados a ser discípulos e missionários no mundo. São chamados a acolher, a hospedar e valorizar a todos os seus membros. Estar mais perto de cada pessoa, escutando e ajudando, através da comunidade cristã. O Concílio Vaticano II, em especial na *Lumen Gentium*, dedicou muita atenção à comunidade local. A comunidade tradicional perdeu sua referência. "A mudança social leva a uma urbanização e ampla dissolução da estrutura aldeã tradicional, a uma mobilidade sem precedentes da população e a um pluralismo social de ordem cultural e religiosa, que traz como consequência a dissolução da forma eclesial tradicional da igreja nacional".<sup>174</sup> Assim como os primeiros cristãos, estamos vivendo a condição de estrangeiros.

A Igreja é missionária e hospitaleira. No plano salvífico de Deus estão contempladas a unidade dos povos e a salvação para todos. "No entanto, a igreja não é o fim dos caminhos de Deus. Ela não é um fim em si mesma; ela aponta para além de si mesma. Ela é sinal e instrumento do Reino de Deus em irrupção".<sup>175</sup> A igreja é meio de salvação. Jesus é o ponto de partida adotado pelo Concílio Vaticano II. "Parte do envio do Filho pelo Pai, que no Espírito Santo enviou os apóstolos (Jo 20, 21), e, desse modo, de Jesus Cristo, a quem foi dado todo o poder (Mt 28, 18) e que pelo poder do alto (At 1, 8) envia os seus discípulos".<sup>176</sup> Deus enviou o Seu Filho por amor à humanidade, com o projeto salvífico do anúncio do Reino de Deus.

---

<sup>173</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 201.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 351.

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 364.

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 367.

O anúncio do Reino dos Céus possuía destinatários. Jesus anuncia às multidões (Mt 4, 25). Das multidões que ouviam Jesus distinguem-se os discípulos (Mt 5, 1). Diferenciam-se das multidões por sua vocação e imitação de Jesus, determinando-se a segui-lo (Mt 4, 20.22); abandonando tudo o que tinham (Mt 9, 9); e carregando a cruz, perdendo a vida por amor a Jesus (Mt 10, 38).

O Reino de Deus é o reino da verdade, da justiça, da santidade, da liberdade e da paz. No testemunho a favor do único Deus verdadeiro trata-se, por conseguinte, também de testemunhar Deus como o Deus de todos os seres humanos e cada indivíduo humano, como Deus do amor, da justiça, da liberdade, da reconciliação e da paz.<sup>177</sup>

O Reino de Deus não é uma posse que se pode adquirir e desfrutar. Ele exige nosso empenho, pois nos interpela à conversão. O Reino de Deus é gratuito. É dom de Deus. Deus dá seu Reino de graça. Trabalhar para o Reino de Deus já é uma participação privilegiada e uma graça. Esta certeza nós temos: aqueles que fazem a vontade de Deus terão como recompensa o seu Reino. Jesus anuncia o Reino prometido por Deus.

Ao fazer do reino de Deus o núcleo de sua pregação, Jesus foi teocêntrico. Não proclamava a si mesmo; sua pessoa e sua obra não aparecem como o foco de seu próprio ensinamento. Pelo contrário, Jesus falava a respeito de Deus, a quem se referia como Pai. Deus, a vontade de Deus, os valores de Deus, as prioridades de Deus dominavam tudo quanto se lembrava haver Jesus dito e feito. Quando afirma que Jesus foi obediente ou recebeu uma missão do Pai, o Novo Testamento reflete a centralidade do reino de Deus na vida de Jesus como causa. O consistente retrato de Jesus é o de alguém absolutamente comprometido e fiel à missão de concretizar e objetivar a vontade e os valores de Deus na história.<sup>178</sup>

No entanto, Cristo nos lembra que precisamos cuidar para não praticar as nossas obras de justiça diante dos homens, a fim de que eles nos vejam, caso contrário vosso Pai do céu não vos dará nenhuma recompensa (cf. Mt 6,1-18). Dentre os discípulos vocacionados a seguir e imitar Jesus destacam-se a pessoa dos doze. É a esses que Jesus confia a missão de continuar a sua obra escatológica (Mt 10, 7s).

---

<sup>177</sup> Ibidem, p. 368.

<sup>178</sup> HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*, p. 104.

Dentre os doze há um destaque para a figura de Pedro: embora suas incompreensões e negações a respeito de Jesus (Mt 14, 31), é ele considerado o porta voz dos discípulos (Mt 15, 15); é também o primeiro discípulo a ser chamado; é o primeiro citado na lista dos doze (Mt 10, 2); e é ele quem professa Jesus como Messias (Mt 16, 16ss), tornando-se o fundamento da Igreja de Jesus.

O anúncio do Reino de Deus se deu de forma dialogal, isto é, nas palavras de Jesus. "O diálogo é um modo sério de aproximar-se conjuntamente da verdade sempre maior, mas também de deixar que as diferenças persistam e respeitar o outro em sua alteridade. Um diálogo que, desse modo, não estivesse interessado na verdade, não seria um diálogo a ser levado a sério".<sup>179</sup> Vivemos num tempo em que as instituições perderam a sua credibilidade. A Igreja é uma instituição que prega o Evangelho de Jesus Cristo e procura viver os Seus ensinamentos como uma *casa da sabedoria*.

Realizando um resgate histórico-bíblico sobre a sabedoria nos deparamos com a sabedoria do Antigo Testamento. É a sabedoria de vida que tem por objetivo ordenar a realidade da vida. Tal sabedoria já existia e está na base de toda criação (cf. Eclo 24, 3-12). "O Novo Testamento retomou essa ideia e deu continuidade a ela. Ele identifica Jesus Cristo como o lugar em que a sabedoria de Deus apareceu e tomou lugar no mundo na plenitude dos tempos".<sup>180</sup> O próprio Deus se fez carne, Logos, e habitou entre nós (cf. Jo 1, 14). A Igreja passou a anunciar essa sabedoria através dos seus ensinamentos e doutrina.

A sabedoria, que ordena toda a criação e lhe dá sentido e que se manifestou em Jesus Cristo oculta no mundo, passou a ser anunciada pela igreja (1Cor 2, 6-9). O mundo inteiro deve ficar ciente, por intermédio da igreja, da "multiforme sabedoria de Deus" que se tornou manifesta em Jesus Cristo (Ef 3, 10). Ela deve proclamar a sabedoria que se tornou manifesta em Jesus Cristo como a verdadeira sabedoria e contrapô-la enquanto sabedoria de Deus à sabedoria do mundo que se fechou para ele.<sup>181</sup>

Maria, foi casa da hospitalidade para a sabedoria divina: hospedou o próprio Deus em seu ventre materno, acolhendo a vida divina em sua vida. A Igreja tem por atribuição manter a fé vida dos seus filhos e filhas, que pelo Sacramento do Batismo, são acolhidos na *casa da*

---

<sup>179</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 371.

<sup>180</sup> Ibidem, p. 145.

<sup>181</sup> Ibidem, p. 146.

*hospitalidade cristã* que acolhe, zela e oferece a Palavra e os sinais do Reino de Deus, da sabedoria que é a essência do Evangelho.

Assim, a primeira e mais importante atribuição da igreja é trazer Deus à memória de maneira nova como fundamento, destino e conteúdo da vida e como garantia de dignidade de cada ser humano. A paixão pelo Deus que, em cada caso, sempre é maior se transformará, então, também em paixão pela dignidade de cada ser humano e pela justiça entre os seres humanos. Compreender o mundo e a vida a partir de Deus não significa, portanto, de modo recair na pré-modernidade. É justamente uma compreensão teológica que leva à aceitação do mundo como realidade secular sem descambar para um secularismo unidimensional. Assim, a Igreja pode acolher a Modernidade quanto ao aspecto positivo contido nela e, ao mesmo tempo, preservá-la da destruição que a ameaça por suas próprias mãos.<sup>182</sup>

No Novo Testamento esta imagem aparece com maior clareza. Ela é um ambiente sagrado e morada da divindade, isto é, hospeda e acolhe o sagrado. Também podemos identificar esta imagem no Antigo Testamento.<sup>183</sup> Jesus atua e ensina no templo. Todavia, o próprio Jesus já mostra uma novidade: Deus também habita fora do templo, e o corpo humano é afinal, o templo que interessa ao Reino de Deus e a vida eterna.

O Novo Testamento faz uma releitura cristológica do Antigo Testamento. Onde dois ou três estiverem reunidos em nome de Jesus, ele estará presente no meio deles (Mt 18, 20). Assim, em Cristo e no Espírito Santo, a igreja é templo, casa espiritual (1Pd 2, 5). Esse templo não deve ser profanado. "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá, pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós" (1Cor 3, 17; cf. Hb 3, 6; 1Pd 4, 17; 1Tm 3, 15). O templo de Deus não se coaduna com a idolatria (2Cor 6, 16) nem com a devassidão (1Cor 6, 18s). Ele é recinto sagrado, separado do mundo. Se não for, aplica-se a ele o juízo que começa com a casa de Deus (1Pd 4, 17). Logo, a casa e o templo de Deus no Novo Testamento não são uma construção de pedra, mas uma metáfora para a comunidade viva.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> Ibidem, p. 407.

<sup>183</sup> "De acordo com o relato do Livro do Êxodo, Moisés deveria construir para Deus um santuário segundo um projeto de construção que o próprio Deus lhe mostrou no Sinai (Ex 25, 9.40). Quando Salomão consagrou o templo, ele tinha plena consciência disto: Deus não habita na terra, nem mesmo o céu e o céu dos céus podem contê-lo, quanto menos uma casa feita por mãos humanas (1Rs 8, 27; 2Cr 6, 18). Em vista disso, Salomão enfatiza em sua oração de consagração repetidamente: a morada de Deus é o céu; porém, o templo é o lugar em que o seu nome habita, o qual está repleto de sua glória (*Kabod*) (2Cr 7, 1.16; cf. Eclo 36, 19)" (Ibidem, p. 149).

<sup>184</sup> KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*, p. 150.

Na casa de Deus somos todos convidados, fizemos parte da família, como o templo. Não há estrangeiros, uma vez que, todos somos membros da família (cf. Ef 2, 19). Sendo assim, a Igreja é uma casa aberta e hospitaleira para todos e sua missão é a alegria de compartilhar um dom, isto é, a proposta do Reino de Deus: é um espaço de salvação para o mundo.

No meio de um mundo inquieto, as pessoas precisam de um aconchego, de sossego e bem viver. Há um desejo na vida do ser humano: "Habitar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para poder gozar a doçura do Senhor e meditar no seu Templo" (Sl 27, 4). A Igreja<sup>185</sup> é a comunidade dos discípulos, seguidores e imitadores de Jesus, que dão continuidade à proximidade do Reino dos Céus na história. A Igreja é estruturada pelo batismo e pela doutrina dos apóstolos (Mt 28, 19s).

Por isso, a missão de Jesus continua presente na Igreja, pois ela é, hoje, para o mundo, a continuadora de sua missão. Os apóstolos, eles mesmos chamados por Jesus Cristo e enviados por ele, continuaram, por sua vez, a chamar e enviar sucessores, o que garantiu e garante a continuidade da missão, através do tempo e do espaço, atingindo a todos os povos em todas as épocas. O Evangelho pregado pela Igreja é o mesmo Evangelho de Jesus Cristo, recebido dele por meio dos Doze, o que a torna católica e apostólica.<sup>186</sup>

A Igreja é discípula missionária de Jesus Cristo no mundo. Enfim, a Igreja tem como compromisso a prática da caridade fraterna através da acolhida, da hospitalidade e da partilha. O apóstolo Tiago nos ensina que: "Também a simples fé, se não tiver obras, será morta" (Tg 2, 17).

---

<sup>185</sup> "A Igreja, portanto, não é idêntica com o reino de Deus, mas ela é sinal de seu futuro salutar, mais precisamente é sinal, de tal modo que o futuro de salvação de Deus já está presente nela e se torna acessível às pessoas através da igreja de sua proclamação e sua vida de celebração. Sob esse aspecto os cristãos foram, por meio do Espírito do Pai, já agora "transportados para o reino de seu amado Filho" (Cl 1. 13), de sorte que através dele foram redimidos já agora do pecado (Cl 1.14). É nesse sentido que o reino de Deus, que já se tornou presente pela atuação de Jesus (Lc 11.20), também está presente com eficácia na igreja" (PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*, p. 70-71).

<sup>186</sup> HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de Eclesiologia como comunhão orgânica*, p. 292-293.

## 5 CONCLUSÃO

A hospitalidade reflete a vida da Igreja. Sem ela, a Igreja torna-se vazia de seu significado primeiro: acolher e cuidar das pessoas e do mistério divino. O Transcendente é acolhido pelo humano e, por sua vez, o humano é acolhido pelo Transcendente. A experiência do acolhimento na Igreja tem alimentado a vida de fé da comunidade eclesial. A hospitalidade é um dos mais significativos gestos fraternos na vida, porque supõe acolhida e valorização das pessoas na sua individualidade. Seus frutos são o diálogo, a convivência, a criação de relacionamentos fraternos e fortalecimento da vivência comunitária. Hospedar é cuidar do outro na sua integralidade. A hospitalidade leva à comunhão, pois é uma dimensão gratuita: não espera-se retorno financeiro do hóspede, todavia, acontece uma troca de dons e conhecimentos. É um gesto de gratuidade voltado àquele que necessita de acolhida e de cuidados, pois está longe de sua casa e de sua cultura.

O ato de hospedar alguém na sua casa e ser hospitaleiro é algo muito mais complexo que simplesmente receber o visitante, pois, consiste na união, na aproximação das culturas, dos costumes e das pessoas diferentes. Trata-se de uma relação de troca de dons entre o anfitrião e o hóspede: receptividade, sociabilidade e confiabilidade. A hospitalidade é uma das mais antigas regras da sociedade, pois nasceu de uma necessidade. A experiência da hospitalidade só terá êxito se o hóspede for capaz de interagir de forma direta com o ambiente onde se encontra, com as pessoas, com a cultura e com o espaço através do encontro com o diferente.

O cristão que é acolhido na Igreja é um hóspede de Deus: este encontro transforma a vida do cristão e fortalece a fé. A Igreja como *casa da hospitalidade* tem a missão de transformar as pessoas em sua crença e alimentar a sua fé através do testemunho. Não é possível permanecer indiferente à necessidade do outro: partilhar do tempo e do espaço faz parte da essência cristã. A Igreja é um instrumento de acolhida. Portanto, os cristãos são instrumentos que agem na Igreja, através da Pessoa de Jesus Cristo: quem acolhe, na visão cristã, está acolhendo o próprio Deus. Ela é um espaço de acolhimento, onde as relações humanas são estreitadas, através da relação com Deus.

No mundo atual a hospitalidade se tornou um grande desafio. O que predomina hoje é o isolamento, o fechamento, o individualismo, a sobrecarga no trabalho, a pressão

psicológica, a falta de tempo e o distanciamento nas relações humanas. A tecnologia aproximou as barreiras geográfica, mas criou abismos nas relações de convivência fraternas.

Quando acontece a hospitalidade e o acolhimento na casa do anfitrião, o dom de Deus se multiplica. Na Igreja não é diferente. Ela é sinal e meio de salvação para o povo de Deus peregrino que encontra no ambiente eclesial a hospitalidade. Sendo assim, a hospitalidade cristã é uma troca de dons.

A hospitalidade da mesa, através das refeições e o anúncio do Reino de Deus, acontece na vida do povo com a presença de Jesus. Sentar à mesa é uma questão de respeito e confiança. A hospitalidade da comensalidade gera amizade e relações fraternas. Jesus surpreende a todos. A sua mesa está aberta a todos. Não há excluídos na mesa de Jesus. A mesa é uma experiência do acolhimento ao outro. O anfitrião oferece alimento para saciar a fome e a sede do hóspede. Esta relação não é apenas de comensalidade, mas também de convivência e humanização. Na Igreja nós vivenciamos a hospitalidade Eucarística através da Ceia do Senhor. É a entrega de Jesus por amor. Quem ama doa da sua vida e do seu tempo. O anfitrião procura dedicar tempo para acolher o hóspede. A hospitalidade Eucarística é um espaço para celebrar a experiência de Deus na comunhão fraterna. É uma fonte de unidade na vida dos cristãos. Enfim, a Eucaristia é uma realidade escatológica, isto é, a esperança cristã. O reino de Deus é uma mesa acolhedora e aberta, onde todos podem sentar-se, partilhar do alimento e dialogar. A acolhida que Jesus faz através da refeição traz dignidade e cura as feridas dos comensais.

A Igreja não existe para si mesma, mas para sua missão: que consiste em atualizar, através da hospitalidade e do acolhimento, do anúncio e testemunho, a mensagem salvífica de Jesus Cristo, através da força transformadora do Espírito Santo. A Igreja, como *casa da hospitalidade cristã*, não pode se isolar, é preciso sair em missão, tornando sua mensagem compreensível aos homens e mulheres do seu tempo. Podemos afirmar que a comensalidade, ou melhor, o ritual da mesa, fortalece a experiência da comunhão eclesial, tornando a Igreja uma *casa da hospitalidade cristã*.



## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

AMARAL, Miguel de Salis. *Concidadãos dos Santos e membros da família de Deus*. Estudo histórico-teológico sobre a santidade da Igreja. Roma: Paulus, 2009.

BAPTISTA, Isabel. Lugares de Hospitalidade. In: DIAS, Celia Maria de Moraes. *Hospitalidade, reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.

BARREIRO, Álvaro. *A Igreja, povo santo e pecador*. Estudo sobre a dimensão eclesial da fé cristã, a santidade e o pecado na Igreja, a crítica e a fidelidade à Igreja. São Paulo: Brasil, 2001.

BENTO XVI. Joseph Ratzinger. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Trad.: Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. Joseph Ratzinger. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. Ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÉTHUNE, Pierre-François de. *L'ospitalità*. La strada sacra delle religioni. Prefazione di Raimon Panikkar. Milano: San Paolo, 2013.

BEUTLER, Johannes. *Evangelho segundo João*. Trad. Johan Konings, SJ. São Paulo: Loyola, 2015.

Bíblia português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia português. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOFF, Clodovis. *Introdução à mariologia*. Iniciação à Teologia. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Leonardo. *Virtudes para outro mundo possível: hospitalidade: direito e dever de todos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João*. O caminho da vida. São Paulo: Paulus, 1994.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad.: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Antigo Testamento. São Paulo: Paulus, 2012.

CARREZ, Maurice; DORNIER, Pierre; DUMAIS, Marcel; TRIMAILLE, Michel. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1987.

CASTILLO, José M. *Jesus*. A humanização de Deus. Trad.: João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*: Sobre a revelação divina. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*: Sobre a Igreja. In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Aparecida, SP: Edições CNBB; Paulus; Paulinas, 2007.

ELLIOTT, John H. *Um lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da Primeira Carta de Pedro. Trad.: J. Rezende Costa. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Documentos Pontifícios - 17. Edições CNBB, 2013.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a Eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.

GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré*. Mensagem e História. Trad. Carlos Almeida Pereira. Ed. Vozes. Petrópolis, 2000.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Martin Dreher e Ilson Kayser. São Paulo: Editora Teológica; Paulus, 2003.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2003.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica; Paulus, 2004.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência. Realidade. Missão*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012.

KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos. Novo Testamento*. Trad. José Gabriel Said. Belo Horizonte: Editora Atos, 2004.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 2 Ed. São Paulo: Paulus, 1982.

LACOSTE, Yves J. *Dicionário crítico de Teologia*. Trad.: Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

LANGNER, Córdula. *Evangelio de Lucas Hechos de los Apóstoles*. Biblioteca Bíblica Básica 16. España: Editorial Verbo Divino, 2008.

L'EPLATTENIER, C. *Leitura do Evangelho de Lucas*. Pequeno Comentário Bíblico - NT. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1993. LÓPES, Félix Garcia. *O Pentateuco*. Introdução ao estudo da Bíblia. Vol. 3a. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004.

MARGUERAT, Daniel; *O Evangelho segundo Lucas*. In. MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento história, escritura e teologia*. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. Coleção Grande Comentário Bíblico. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*. Análise linguística e comentário exegético. Trad.: Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

- McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983.
- MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Theologica. Trad. Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008.
- MONGE, Claudio. *Stranieri con Dio*. L'ospitalità nelle tradizioni dei tre monoteismi abramitici. Milano: Terra Santa, 2013.
- MÜLLER, Alois; SATTLER, Dorothea. *Mariologia*. In. SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NOCKE, Franz-Josef. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. V. II. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Como ler as Cartas de Pedro*. O Evangelho dos sem-teto. São Paulo: Paulus, 2014.
- OPORTO, Santiago Guijarro; GARCIA, Miguel Salvador. **Comentário ao Antigo Testamento I**. Trad. José Joaquim Sobral. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- PAGOLA, José Antonio. *Grupos de Jesus*. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Vol. 3. Trad. Werner Fuchs. Santo André; São Paulo: Academia Cristã Ltda; Paulus, 2009.
- PEÑA, Juan L. Ruiz de la. *Imagen de Dios*. Antropologia teológica fundamental. Miliaño: Sal Terrae Santander, 1988.
- PURY, Albert de. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. *Antigo Testamento história, escritura e teologia*. Trad. Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010.
- RAD, Gerhard Von. *Teologia do Antigo Testamento*. Teologia das tradições históricas de Israel. Vol. I. São Paulo: Editora ASTE, 1973.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de cristianismo. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.
- RATZINGER, Joseph. *O novo Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SCHELKLE, Karl Hermann. *Teologia do Novo Testamento. Sua História Literária e Teológica*. Trad. Antônio Steffen. São Paulo: Loyola, 1977.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana, revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. *Revelação e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1968.

SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. V. II. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHREINER, Josef. *Abraão, Isaac e Jacó. A interpretação da época dos Patriarcas segundo Israel*. In: SHREINER JOSEF. *Palavra e Mensagem do Antigo Testamento*. Trad. Benôni Lemos. II ed. São Paulo: Teológica: Paulus, 2004.

SCHULTZ, Samuel J. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1977.

SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TEMPORELLI, Clara. *Maria, mulher de Deus e dos pobres. Releitura dos dogmas marianos*. São Paulo: Paulus, 2010.

TRESE, Leo J. *A fé explicada*. Trad. Isabel Perez. São Paulo: Quadrante, 2007.

WÉNIM, André. *O Homem Bíblico. Leituras do Primeiro Testamento*. Trad.: Maurilo D. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

ZUMSTEIN, Jean. *O Evangelho segundo João*. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento**. História, escritura e teologia. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009.